

unesp

proec
unesp

Pró-reitoria de Graduação / UNESP
prograd

instituto
de
artes

Sala de aula:

Território

Barra Funda e arredores

Leandro de Oliva Costa Penha (Organizador)

ert

escola pública,
universidade
e território

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de
Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da
UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S159 Sala de aula : território : Barra Funda / Leandro de Oliva Costa Penha
(Organizador). – São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Artes, 2025.
158 p. : il. color.

Livro organizado a partir do projeto de extensão universitária Escola
pública e território: a cultura que brota na Barra Funda e em seus arredores,
vinculado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São
Paulo.

ISBN: 978-65-88778-19-7

1. Arte na educação. 2. Escolas públicas. 3. Vida comunitária. 4. Vida
urbana. I. Título. II. Penha, Leandro de Oliva Costa.

CDD 707

Sala de aula:

Território

Barra Funda e arredores

Leandro de Oliva Costa Penha (Organizador)

ERT

escola pública,
universidade
e território

Sumário

APRESENTAÇÃO

Caminhar, mapear e aprender entre a escola pública,
a universidade e o território

Leandro de Oliva Costa Penha

4

PELO ENTORNO DA ESCOLA ESTADUAL RAUL CORTEZ

13

Encontrar voos possíveis

14

Yago Teruo Aureliano Bezerra

Relicário de um bairro, refúgio em meio à cidade

23

Victoria Rapace Elme

PELO ENTORNO DA ESCOLA ESTADUAL PEDRO II

28

Um olhar para o território e as práticas educativas

29

Leo Laura Carvalho

Potência daquilo que fica

49

Yago Teruo Aureliano Bezerra

O que fica e o que passa

54

Arthur Coutinho Romero

Encontrando tempos

66

Tasso Micchetti André

PELO ENTORNO DA ESCOLA ESTADUAL DR. ALARICO SILVEIRA 75

Caminhar, Olhar, Contar: entre as árvores do entorno

Paulo Borges 76

Caminhos para a interdisciplinaridade no ensino da arte.

101

Thayna Teixeira Mendes

PELO ENTORNO DA ESCOLA ESTADUAL PROF. FIDELINO DE FIGUEIREDO 120

O que eu comunico para o mundo

121

Beatriz Petroni

O que nos resta é conhecer

127

Elber Aquino

Se deixar afetar pelo território

133

Lucas Abrão da Silva

PELO ENTORNO DA EMEI ARMANDO DE ARRUDA PEREIRA 149

Entre texturas, socorros e ecos

150

Elber Aquino

Ficha Técnica

157

Caminhar, mapear e aprender entre a escola pública, a universidade e o território

Leandro de Oliva Costa Penha

A presente publicação constitui-se como registro e reflexão sobre as experiências de mapeamento territorial desenvolvidas no âmbito do projeto de extensão universitária *Escola pública e território: a cultura que brota na Barra Funda e em seus arredores*, vinculado ao Instituto de Artes da UNESP. Mais do que uma simples documentação de atividades, os textos aqui reunidos emergem de um processo investigativo que coloca em diálogo três instâncias fundamentais: a universidade pública, as escolas da Educação Básica e as comunidades locais, tecendo redes de conhecimento que se constroem a partir do reconhecimento e da valorização dos saberes territoriais.

O território, conforme nos ensina Milton Santos (1999, 2005), não é apenas um espaço físico delimitado geograficamente, mas constitui-se como espaço vivido, usado e significado pelas pessoas que nele habitam. É no território que se materializam as relações sociais, as expressões culturais e as identidades comunitárias. Ele nos convida a compreender esse espaço não como categoria abstrata, mas como resultado das práticas cotidianas, dos

afetos, das memórias e dos fazeres que ali se inscrevem. Nessa perspectiva, a produção cultural dos territórios desempenha papel fundamental na construção de identidade e na noção de pertencimento (Honneth, 2003), elementos essenciais para processos educativos significativos e transformadores.

Entretanto, historicamente, observa-se um distanciamento entre as instituições educacionais, especialmente as escolas e as universidades, e os territórios nos quais se inserem. Esse hiato cria um ciclo de invisibilidade onde a cultura local não é reconhecida nem valorizada dentro do contexto escolar, e onde a participação da comunidade nos processos educativos e culturais torna-se um desejo distante (Penha, 2023).

É justamente nessa fresta, entre os muros da escola e as ruas do bairro, que se situa a proposta do projeto extensionista aqui documentado. Inspirado nas reflexões freirianas sobre educação dialógica e cidadania (Freire, 2000, 2019; Walsh, 2022), o projeto propõe-se a construir pontes mais fortes e permanentes entre universidade, escolas públicas, coletivos culturais, artistas locais e as próprias comunidades da Barra Funda e bairros próximos.

O ato de mapear, nesse contexto, transcende a dimensão técnica ou meramente informativa. Trata-se de uma prática investigativa, poética e política que se fundamenta no caminhar como método de conhecimento. A caminhada configura-se como procedimento que permite outra temporalidade, outro ritmo, outra qualidade de atenção ao espaço urbano. A deriva situacionista, conceito

elaborado por Guy Debord (2007), propõe justamente esse deslocamento do modo habitual de transitar pela cidade. Trata-se de "deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde" (Debord, 2007, p. 66), abrindo-se para o imprevisto, para o detalhe despercebido, para as narrativas silenciadas pelo ritmo frenético da metrópole.

Nos textos que compõem esta publicação, encontramos múltiplas expressões dessa metodologia errante: desde a coleta de recortes de cadernos escolares despejados nas calçadas até a observação atenta das árvores e suas particularidades; desde o mapeamento de lixos como vestígios das práticas cotidianas até o registro sonoro dos ambientes; desde a atenção aos portões das casas até a escuta das histórias de moradores antigos.

Cada autore traz sua própria forma de habitar e investigar o território, construindo procedimentos poéticos singulares que revelam diferentes camadas do mesmo espaço. Paulo Borges nos conduz por um passeio atento às árvores da Barra Funda, propondo um audiotour que nos ensina a ver e descrever as particularidades vegetais como forma de romper com a familiaridade que insensibiliza nosso olhar.

Yago Teruo Aureliano Bezerra e Victoria Rapace Elme nos apresentam os arredores da Escola Estadual Raul Cortez por meio de um caminhar lento que recolhe vestígios materiais e imateriais da vida escolar que extravasa os muros institucionais.

Leo Laura Carvalho investiga a Escola Estadual Pedro II articulando história urbana, memória e imaginação fabuladora sobre as relações possíveis entre escola e território.

Lucas Abrão da Silva desenvolve uma compreensão do território como espaço multidimensional, que se constitui não apenas através de suas características físicas e das transformações urbanísticas, mas também pelas memórias, vivências e histórias pessoais que cada indivíduo traz consigo. Segundo sua perspectiva, os corpos que habitam um lugar carregam marcas de outros espaços e experiências anteriores, fazendo com que o território seja continuamente reconfigurado pelas narrativas corporais e afetivas de seus habitantes.

Elber Aquino nos apresenta uma "poética do lixo", demonstrando como os resíduos urbanos podem revelar padrões de consumo, ocupação e vida comunitária.

Em sua análise, Beatriz Petroni evidencia como nossos filtros perceptivos atuam como mediadores que elegem determinados aspectos do ambiente para a consciência enquanto outros permanecem relegados à invisibilidade, revelando que a experiência espacial é construída tanto pelo que está presente quanto pela capacidade ou escolha de percebê-lo.

Thayna Teixeira Mendes articula seu mapeamento com entrevistas aos educadores da Escola Estadual Dr. Alarico Silveira, revelando como a cultura local pode dialogar com práticas pedagógicas interdisciplinares.

Arthur Coutinho Romero problematiza o paradoxo entre políticas de proteção patrimonial e dinâmicas de transformação urbana, argumentando que a capacidade de questionar e criar pode reativar potencialidades em espaços marcados pela deterioração ou pela expulsão de populações originais.

Tasso Micchetti André propõe, fundamentalmente, que a integração entre escola e território exige a criação de situações onde outro ritmo temporal se torne possível, onde haja tempo para a experiência significativa, para a produção de sentido, para o estabelecimento de relações que não estejam submetidas à urgência do cotidiano acelerado.

Essas diferentes abordagens metodológicas – que incluem fotografia, frotagem, colagem, desenho, escrita, gravação sonora, produção de mapas digitais e entrevistas – não se constituem apenas como técnicas de registro, mas como modos de produção de conhecimento que valorizam a experiência sensível, a subjetividade, o encontro com o outro e a construção coletiva de sentidos. O mapeamento territorial, tal como praticado neste projeto, busca justamente criar condições para que essas experiências aconteçam: encontros entre universidade e escola, entre estudantes e moradores, entre pesquisadores e artistas locais, entre diferentes saberes e fazeres.

Esse material alimenta posteriormente as oficinas culturais e as mostras que acontecem nas próprias escolas, abertas à participação de toda a comunidade. Os textos aqui reunidos evidenciam que esse processo não ocorre sem tensões, desafios e contradições. A gentrificação

ameaça a permanência de famílias antigas no bairro; a desapropriação da Favela do Moinho impacta diretamente estudantes e professores da Escola Estadual Dr. Alarico Silveira; a falta de recursos e a precariedade das condições de trabalho docente dificultam a continuidade de projetos culturais; a instabilidade dos professores contratados gera descontinuidades nos processos educativos.

Ainda assim – ou justamente por isso –, as práticas de mapeamento e as ações do projeto afirmam-se como formas de resistência e de produção de outras possibilidades educativas. Quando Leo Laura Carvalho cita Luiz Antônio Simas – "As ruas vivem quando são dos erês e morrem quando são dos carros" – e propõe que devemos "explorar o ar investigativo das infâncias e não deixar que os carros e prédios engulam nossas crianças", está defendendo uma educação que se abre para a cidade, para o imprevisível, para a errância criadora. Quando Arthur Coutinho Romero, inspirado em Anna Tsing, afirma que "em um estado global de precariedade, não temos escolha a não ser buscar a vida nesta ruína. Nosso primeiro passo é trazer de volta a curiosidade", está propondo que a investigação territorial pode ser uma forma de reinventar vínculos com os espaços, mesmo diante de processos de degradação e abandono.

A publicação que ora se apresenta não pretende oferecer respostas definitivas ou modelos replicáveis de mapeamento territorial. Antes, busca compartilhar experiências situadas, reflexões em processo, questionamentos ainda abertos. O entorno mapeado de

cada escola – Raul Cortez, Pedro II, Dr. Alarico Silveira, Professor Fidelino de Figueiredo, EMEI Armando de Arruda Pereira – apresenta suas especificidades, seus desafios, suas potências e, acima de tudo, sua poesia. Cada participante do projeto – estudante da graduação em Artes Visuais, Música, Teatro ou de pós-graduação – desenvolve seu próprio procedimento poético, sua própria forma de atenção, seu próprio modo de tecer relações com o território. Essa multiplicidade metodológica demonstra que não existe uma única maneira de investigar e mapear, mas que cada contexto, cada subjetividade, cada encontro pode gerar formas singulares de conhecimento.

Ao final, esta publicação afirma-se como documento de um projeto que acredita na potência da integração entre universidade pública, escola e comunidade; que valoriza a cultura local como pilar pedagógico fundamental; que pratica a pesquisa e a extensão como processos dialógicos e participativos; que compreende o território não como objeto de estudo, mas como espaço vivido e compartilhado onde todos são sujeitos produtores de conhecimento e cultura. Como nos ensina Paulo Freire (2019), a educação deve ser prática da liberdade, e isso implica reconhecer que os sujeitos "não se fazem no silêncio, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". O mapeamento territorial poético aqui documentado é, fundamentalmente, uma prática de palavra, de escuta, de ação e de reflexão coletiva – um exercício de fazer juntas, de aprender juntas, de imaginar juntas outros modos possíveis de habitar a cidade, a escola, o território.

Referências

DEBORD, Guy. Teoria da deriva. In: FELÍCIO, Erahsto (org.).

Institucional situacionista: deriva, psicogeografia e urbanismo unitário. Porto Alegre: Deriva, 2007.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

PENHA, Leandro de Oliva Costa. **Das frestas dos muros:** o ensino de arte em diálogo com o território, a partir de Paulo Freire. 2023. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-17112023-110348/pt-br.php>. Acesso em: 27 set. 2025.

SANTOS, Milton. Território e dinheiro. **Revista GEOgraphia**, Niterói, PPGeografia PPGEU UFF/AGB, ano 1, no. 1, p. 7-13, 1999. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360>. Acesso em: 27 set. 2025.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **OSAL:** Observatório Social de América Latina, Buenos Aires, CLACSO, ano 6, no.

16, p. 251-261, 2005. Disponível em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

WALSH, Catherine. A educação como prática da liberdade: pensando-falando com Paulo Freire hoje. *In*: SILVESTRE, Magali Aparecida; MIZAN, Souzaana; STANGHERLIM, Roberta (org.). **Paulo Freire**: 100 anos de práxis libertadora: volume I. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022.

Disponível em:

<https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/0c7700e9-a314-4867-9238-f6be6a9505c6/content> Acesso em: 27 set. 2025.



E. E. RAUL CORTEZ



Encontrar voos possíveis

Yago Teruo Aureliano Bezerra

Figura 1 — Guarda do caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 2 — Página do caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Os arredores da **Escola Estadual Raul Cortez** são o primeiro território que mapeio no projeto e, coincidentemente, meu primeiro contato com isto que chamarei aqui de procedimento poético. Junto do meu amigo **Paulo**, nos dias 21 e 27 de junho de 2025, andei pelas ruas do entorno da escola, praticando um caminhar lento e atento às pequenas coisas que muitas vezes nos passam despercebidas quando submetidas ao ritmo frenético de uma cidade grande como São Paulo.

Foi a partir das intervenções no caderno que esse território adquiriu novos sentidos. O procedimento - que retomo no texto da outra escola que mapeei - consistiu numa produção de imagens através de escrita, desenhos e colagens, em um tempo posterior ao do ato de caminhar. Estas imagens servem agora como pontos de partida para eu compartilhar os momentos marcantes destes dois dias.

Figura 3 — Colagem digital feita a partir de recortes descartados



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

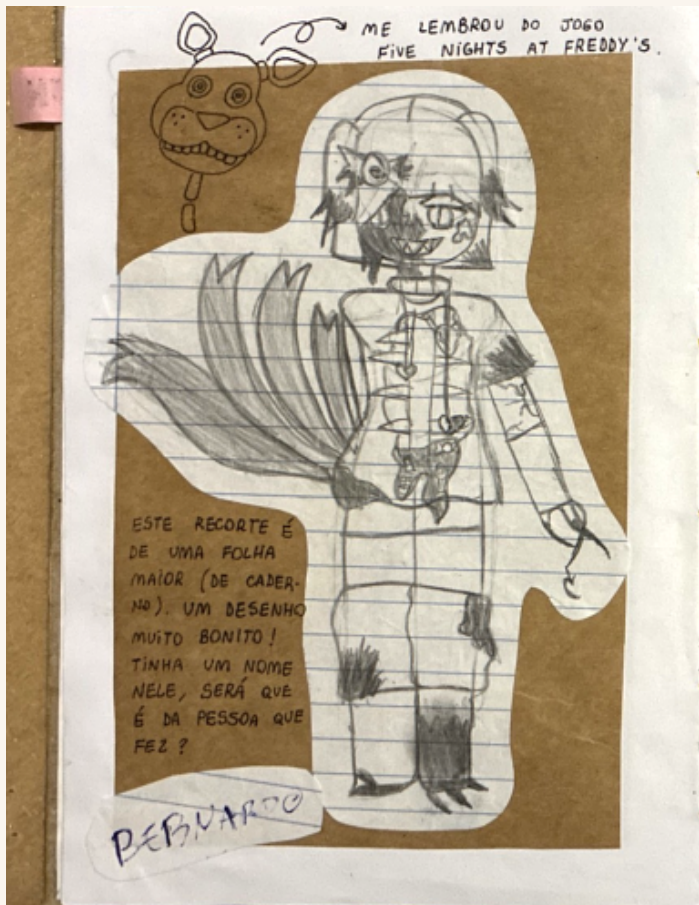
O mapeamento realizado no **dia 21** corresponde às primeiras 11 páginas do caderno. Descubro um movimento precioso neste dia que influencia meus próximos passos: a coleta. Por ser um sábado de manhã, dificilmente eu e o Paulo conseguiríamos conhecer a escola por dentro, então começamos a reparar nas ruas e seus estabelecimentos, nas árvores que ali crescem e (sobre)vivem, nas pessoas que ali passavam e consequentemente no lixo das calçadas. Foi quando me deparei com recortes de folhas de caderno escolar, nos quais haviam diversos resquícios do que podemos chamar de “dia-a-dia escolar” - registros de desenhos, palavras soltas, frases e até listas inteiras com nomes de alunos e alunas! Fiquei encantado.

Figura 4 — Página do caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 5 — Página do caderno

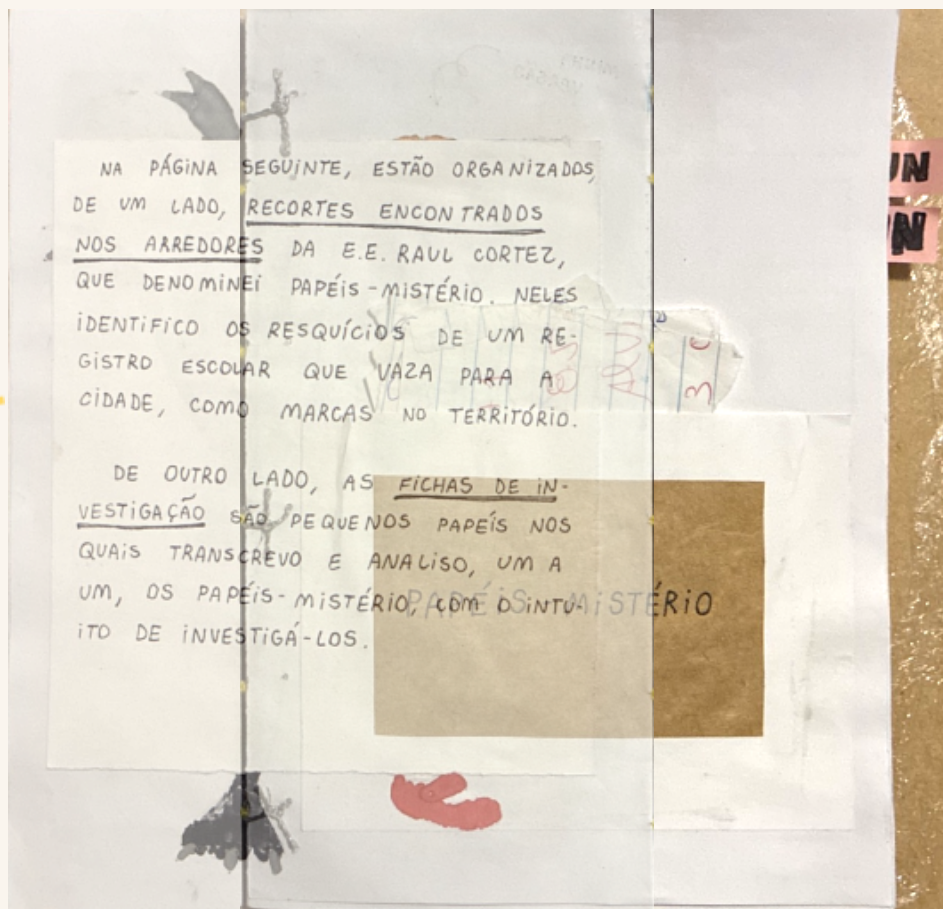


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

No caderno, essa experiência se materializa em três momentos: a) contação da história vivida; b) intervenções artísticas nos recortes com desenhos; e c) investigação dos recortes escritos. Encontro um enorme potencial poético logo na primeira etapa, na medida que percebo através dos recortes um movimento orgânico da comunidade escolar

extrapolando os muros da própria escola, ou seja, um resquício dos registros escolares que por acaso são despejados, mas que ali ficam como **marcas de um território vivo** e pulsante.

Figura 6 — Páginas sobrepostas digitalmente



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 7 — Desenho feito no caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

No **dia 27**, eu e **Paulo** retornamos à escola, desta vez no horário da tarde. Nossa intenção foi encontrá-la aberta, para que pudéssemos conhecer seu interior e a comunidade que ali frequenta. Deu certo. Conhecemos a **diretora Adriana de Oliveira**, que muito bem nos recepcionou, e fomos apresentados ao **professor China Filho**, que também fez parte de fases iniciais do projeto.

Pessoalmente, foi uma surpresa boa encontrá-lo, pois mesmo ocupado, ele abriu mão de um tempo na reunião da qual participava para realizar conosco um pequeno “tour” pela escola. Naquele momento, os alunos - entre sextos e nonos anos - estavam fazendo atividades extraclasse, as chamadas “disciplinas eletivas”, porém já estava quase na hora de irem embora. Antes disso, **China** retornou à reunião e nós ficamos mais algum tempo na área que dá acesso ao

pátio e às salas temáticas. Foi quando conhecemos o **Felipe**, um aluno do sétimo ano que nos contou seus pontos de vista sobre a escola durante uma conversa - ele pareceu interessado, como muitos ali, no motivo da nossa visita. No fim, tivemos o privilégio de ganhar duas visitas guiadas num dia só.

Figura 8 — Página do caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

No caderno, da página 12 à 19, os momentos se misturaram em dois caminhos: a) contação (novamente) da história vivida, através da produção de imagem-texto; e b) reflexão através da colagem. Os versos que crio a partir deste processo inconscientemente dão a ver **um caminho para se pensar o que é uma aula de artes plásticas**. O que presumo como “encontro com o voar” significa agir além do que é esperado, não no sentido competitivo de ser melhor que os outros, mas sobretudo porque voar é sentir-se livre para ser e expressar.

Figura 9 — Colagem digital feita a partir de registro no caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Relicário de um bairro, refúgio em meio à cidade

Victoria Rapace Elme

Era um sábado bem ensolarado, dia 19 de julho de 2025, o primeiro mapeamento coletivo do projeto. A Escola Estadual Raul Cortez havia sido escolhida como ponto de partida, lá no bairro Água Branca, um lugar que parecia ter parado no tempo. Me recordo do nervosismo e expectativa que sentia em meu peito, era o primeiro grande passo do projeto e eu queria que tudo fosse perfeito, finalmente seria colocado em prática o que tanto planejamos.

Cheguei cedo, talvez fosse pelo nervosismo que me adiantei uma hora antes do que planejado. Aguardei pelos outros integrantes do coletivo na estação Água Branca, **Lucas**, em menos de alguns minutos chegou e fomos em direção a escola.

Ao propor a ideia de mapear coletivamente vi isso como uma forma de conhecer melhor cada um dos integrantes do projeto, já que muitos são de outros cursos e anos diferente ao meu. Apesar de eu já conhecer Lucas - que é meu veterano no curso de Artes Visuais -, nós nunca havíamos interagido o suficiente para dizer que realmente nos conhecemos.

Saímos andando até a escola, o caminho não me era estranho pois já havia passado por ali anteriormente para ir

ao SESC Pompeia, e após alguns minutos, chegamos na escola. O bairro era repleto de casas e pouquíssimos prédios que tinham no máximo dez andares, árvores grandiosas pelas ruas e uma brisa leve, por um segundo esqueci que estávamos em São Paulo. Parecia que ali havia parado no tempo, a rua estava vazia e poucas vezes passavam pessoas, parecia que não havia ninguém na cidade, era um respiro do barulho.

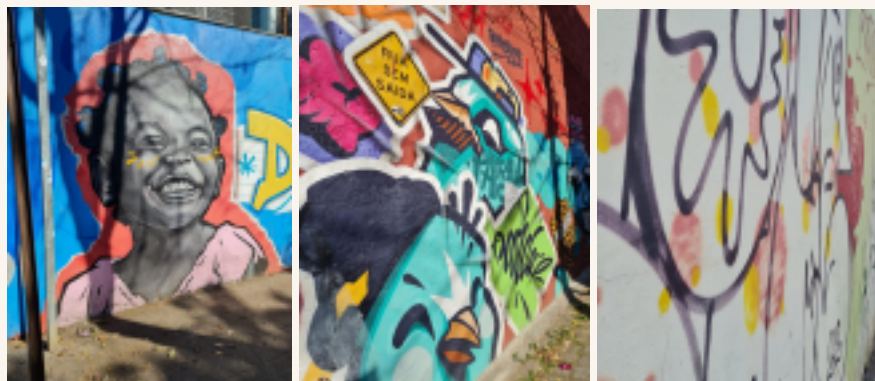
Leandro chegou minutos depois com seu carro, ele nos guiou com suas direções e também propôs ideias para que pudéssemos produzir nosso próprio mapeamento. A princípio eu não sabia muito bem por onde começar, queria fazer de tudo, porém decidi focar em caminhar com a mente limpa, apreciando cada pequeno detalhe e analisar as coisas que encontrava no caminho.

Me recordei da apresentação do **Coletivo Dodecafônico** sobre a visão de mapear as pessoas, ver seus gestos e como elas agiam no espaço. No caso do coletivo, eles copiavam as pessoas, porém após ouvir a ideia de Leandro de que ele iria mapear o mapeamento dos integrantes do coletivos, eu achei genial e comecei a fazer o mesmo. Olhava para Lucas e Leandro e analisava o que eles olhavam, tentava enxergar com os meus olhos o que eles haviam achado de tão interessante e fotografava. Eu também não me privei e decidi observar as demais pessoas que passavam na rua.

Eu estava sem meu caderno, então comecei a fotografar o que eu queria guardar em minha memória. Fotografei os grafites que estavam em todos os lados, eram

coloridos e cheios de vida, parecia que eles destoavam do bairro pacato e traziam um ar de alegria por ali.

Figura 1 — Registros dos arredores



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Subindo a **Rua Sabaúna**, não pude deixar de notar os portões das casas. Todas ali pareciam ter muita personalidade, deixavam um ar artístico estético muito interessante. Decidi fotografar esses portões e no decorrer de meus outros mapeamentos fui olhando com interesse para os portões de diferentes bairros. Mas sem dúvida, esses são os mais bonitos.

Figura 2 — Registros dos arredores



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Caminhando, nos deparamos com um centro espírita, o que foi um achado, já que era tão próximo da escola, e depois encontramos outros pela região. Poderíamos convidá-los para as escolas? Seria interessante apresentar as religiões para as crianças da escola, talvez poderia ser um tema da oficina.

Logo atrás da Escola Raul Cortez já havia outra escola, a **Escola Estadual Dr. Edmundo de Carvalho**. Isso me fez pensar em propor alguma atividade que pudesse trazer as duas escolas juntas de alguma forma, talvez levar as crianças para a rua. Notei através desse encontro que o quarteirão é totalmente educativo, formado por **duas escolas públicas** uma das **diretorias de ensino** de São Paulo, e sem dizer que encontramos uma **escola particular** também. Todo o lugar parecia ser um grande centro educacional, seria interessante propor um evento em que todos pudessem participar.

Após mapearmos a seção da escola, decidimos

explorar mais o lugar, fomos além do quarteirão e conhecemos mais do bairro. Havia muitas casas abandonadas e tomadas por pixos e grafites, enquanto outras casas estavam se reinventando, algumas tomavam um ar mais moderno. Era fácil notar os indícios da gentrificação ali, já que prédios grandes tomavam espaço das casas pequenas, e flyers no chão mostravam futuras construções ali, o que foi desapontador.

Continuamos andando e encontramos duas companhias de teatros, a **Casa DuNavô** e outra que acredito ter fechado ou mudado de lugar. Mas isso nos faz pensar sobre como o teatro está presente no bairro, de alguma forma isso poderia ser essencial para uma oficina, ou trazer isso para dentro da escola, talvez até mesmo levar ao teatro da escola.

Por fim, passamos pela casa de eventos **União Fraterna**, lá teria um casamento, mas sempre há diversos eventos na casa. Um casarão enorme no meio do bairro deu fim ao nosso mapeamento de uma forma muito bonita, já que o lugar era muito lindo e também histórico.

No fim, o mapeamento me fez conhecer muito mais de São Paulo. Como não moro na cidade, sempre me questiono se tudo é “a mesma coisa”, se tudo são prédios, porém o bairro da Água Branca, apesar de estar passando por uma grande gentrificação, ele ainda persiste em manter sua história e sua beleza que parece ter parado no tempo.



E. E. PEDRO II

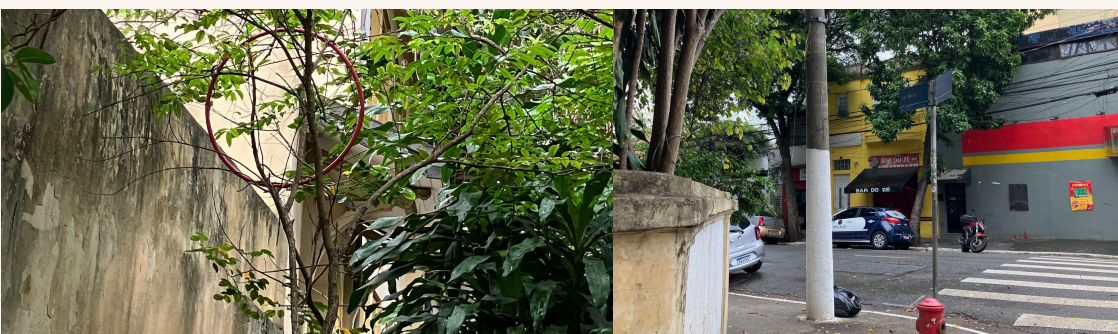


Um olhar para o território e as práticas educativas

Leo Laura Carvalho

2024, Barra Funda, Instituto de Artes da Unesp, disciplina **“O ensino e aprendizagem de arte para além dos muros da escola”**. Neste contexto nasce esse mergulho.

Figura 1 — Fotografias do entorno da Escola Estadual Pedro II.

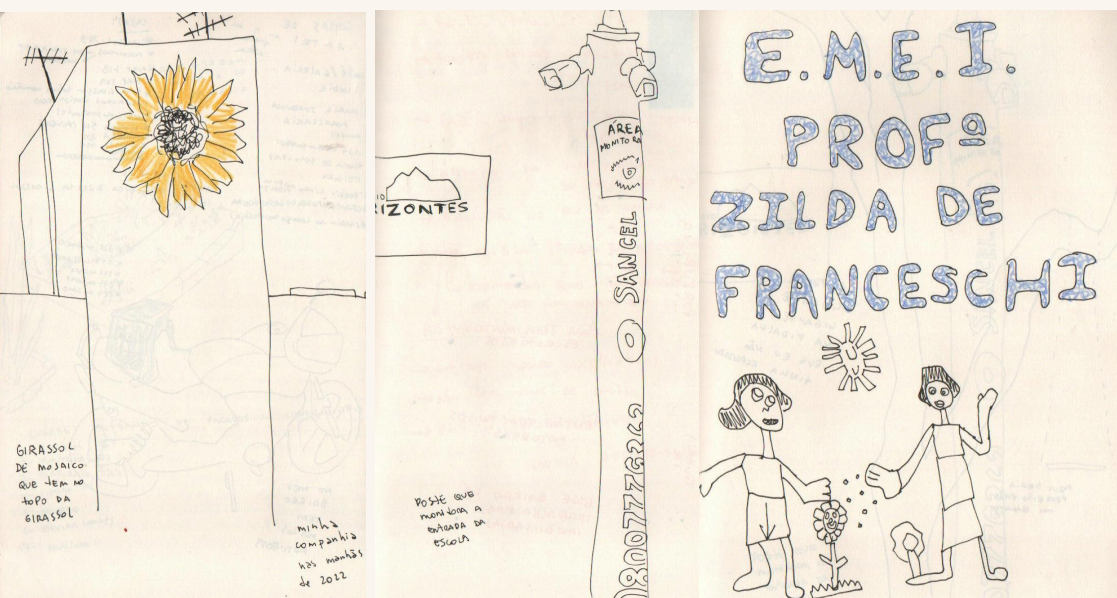


Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Como os que separam as máscaras de mergulho e nadadeiras pé de pato, estávamos nós 5 na sala 411 investigando cartografias e contando dos nossos territórios, das nossas histórias e das histórias que rodeiam as nossas casas. Nesse andar, entramos em uma investigação aprofundada e para além dos muros da nossa

Assim, quando me propus ao mergulho no entorno da minha casa, estive debruçado no quanto eu não conheço do meu próprio bairro, olhando para diversos lugares relacionados a arte e/ou a educação (áreas de interesse meu) que nunca visitei ou sequer sabia que existiam. Lamento essa distância, mas tenho muita consciência de que essa distância não é uma sensação que permeia somente a minha existência, e sim uma grande onda de **urbanização descontextualizada**, em que não se busca uma costura de relações com a rua e seus moradores (principalmente os mais antigos, como é o caso dos meus avós, que moram no bairro a quase de 50 anos).

Figura 3 — Desenhos e anotações do entorno da minha casa.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Dessa forma, quando partimos para arrodear as escolas, já chego com um olhar atento para isso, para quem morou, quem mora e quem foram as pessoas que construíram esse bairro da forma que é. Me interessam as **coletividades** e as **camadas** que compõem esses territórios.

Figura 4 — Cartografia elaborada sobre meu entorno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Figura 5 — Desenhos e anotações do entorno da E E Pedro II

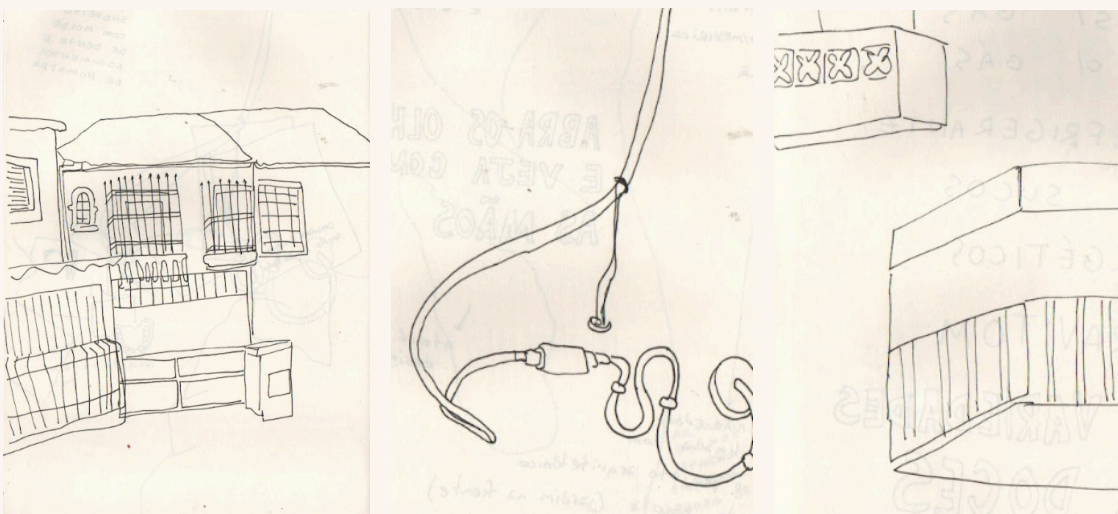


Fonte: Elaborado pelo autor, 2024

Fomos caminhando e mapeando em imagens, textos e conversas o que encontrávamos nos entornos das escolas. Dentre essas escolas, todas situadas na Barra Funda, apesar de termos conhecido juntas, coube a mim o mergulho na **Escola Estadual Pedro II** onde encontrei diversas construções e uma história peculiar.

Na Rua Marta, número 33, antes de ter o que encontramos na tarde chuvosa do dia 2 de dezembro, tinha uma escola. Antes de ter um ateliê de design na frente, tinha uma escola. Antes de ter uma doceria, um estacionamento, um estúdio de tatuagem; tinha uma escola.

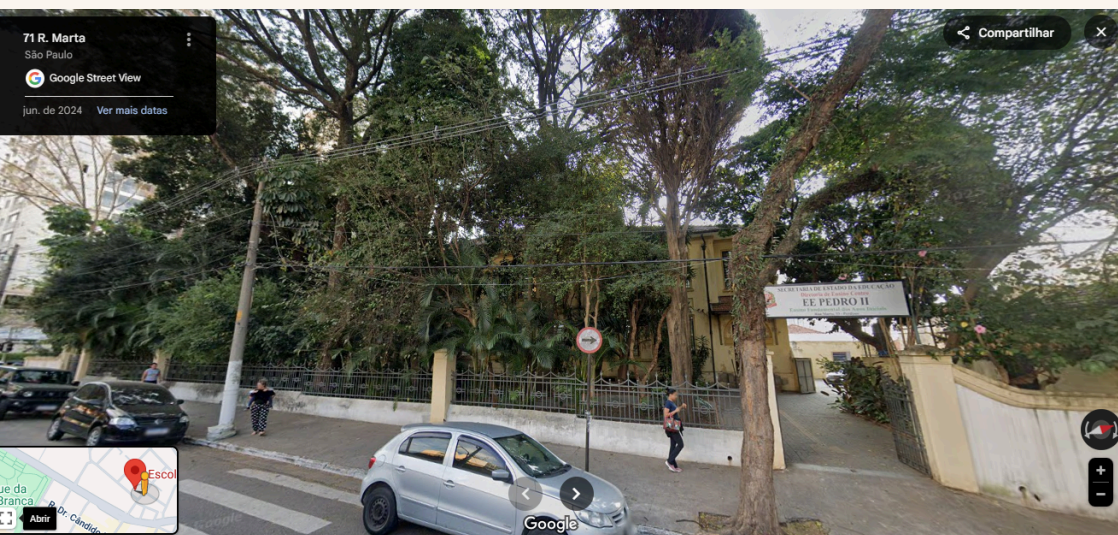
Figura 7 — Desenhos e anotações do entorno da E E Pedro II



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Essa é uma das escolas que foram construídas durante a 1a. República no Brasil. Projetada por Ramos de Azevedo e inaugurada como “Grupo Escolar Pedro II” em **1919**, o espaço investigado já comemora mais de cem anos, e com isso, carrega milhares de histórias. Com a finalidade de mapear algumas dessas histórias, utilizei a plataforma **GeoSampa**, para pesquisar sobre as mudanças urbanas no território da escola. Este site disponibiliza mapas antigos e dados interessantes sobre a cidade de São Paulo como onde há unidades de Saúde, Educação, mapas hidrográficos, entre outras ferramentas que também usei para investigar o meu bairro.

Figura 8 — *Street View* da fachada da escola.



Fonte: Google Maps, 2025.

Quem passa por essa rua, não necessariamente percebe a escola. Apesar da sua dimensão e construção tombada, o projeto arquitetônico propõe um jardim na frente, o que resultou em grandes (e também centenárias) árvores. As árvores escondem um pouco a escola, mas imagino que também refrescam.

Ali, há muito tempo também, já havia uma igreja, a linha do trem e algumas avenidas, que, junto da escola, se transformaram com o tempo. Era rodeada de casinhas, que ainda sobrevivem por ali (mas em sua maioria com ocupações outras).

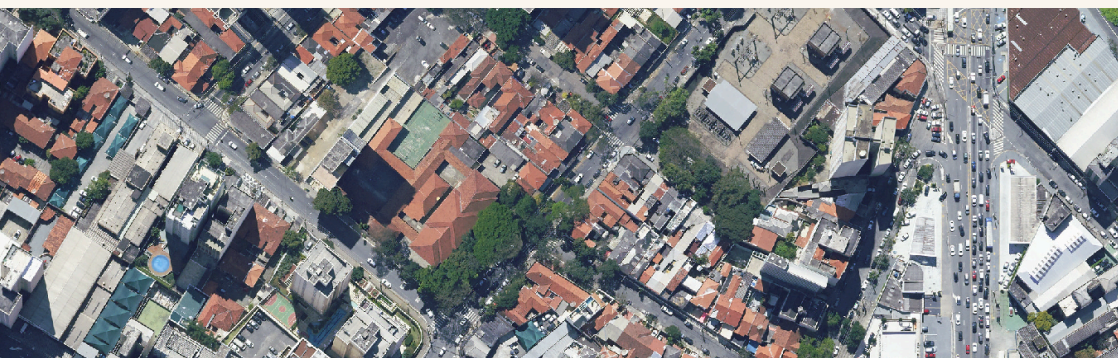
Figura 9 — Recorte de mapa de São Paulo de 1954 - Vasp Cruzeiro.



Fonte: GeoSampa, 2025.

Vasculhando esse território, me peguei fabulando a construção dessas memórias. Pensando que essa escola existe há tanto tempo, me pergunto sobre a linha do tempo desse entorno e sobre **o que escolhemos, enquanto sociedade, construir no entorno de uma escola.**

Figura 10 - Recorte de mapa de São Paulo de 2017 - PMSP RGB.



Fonte: GeoSampa, 2025.

Elaborando sobre o que escolher para rodear uma escola, empresto a seguinte frase de Luiz Antônio Simas: **“As ruas vivem quando são dos erês e morrem quando são dos carros”**. Então, para responder essa pergunta, me finco nisso, em fazer as ruas viverem. **Explorar o ar investigativo das infâncias e não deixar que os carros e prédios engulam nossas crianças**. Como hoje, situados na história linear, enfrentamos a impossibilidade de construir esse entorno junto ao tempo, buscamos o **costurar** da escola com o seu território.

Antes de antecipar para a próxima etapa da pesquisa, respirei neste momento de fabulação. Adentramos esse território de **olhar aberto** e **corpo presente**, e nesse chão (sem conhecer o projeto pedagógico da escola, es professores e es estudantes) experimentei imaginar o que acontecia ali dentro.

Figura 11 — Fotografias do entorno da Escola Estadual Pedro II.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2024.

Se era quente ou se era frio, se era barulhento ou silencioso, se era dentro da sala de aula ou se era no pátio, se era tudo isso ou se era nada disso. E sem ter pisado dentro da escola, escolhi olhar para onde eu estava, pra Rua, e **imaginar as relações da escola com a vida que acontece fora.**

No arrodar, pude mapear alguns pontos de encontro que poderiam florescer em encontros com os estudantes. Imaginei as conversas que eles teriam com a costureira que atende pela janela, a oportunidade de explorar o “Studio Reyes”, os desenhos de observação das frutas que encontramos na quadra que caminhamos, uma roda de conversa sobre produção de doces com a Patrícia do “Ateliê da Patrícia”, e até uma visita ao estúdio de tatuagem, que invade o imaginário de quem passa e ouve o “bzzzzz” da maquininha.

Voltando à nossa rota, começamos a terceira etapa do nosso processo investigativo, o contato, não mais indireto, com a escola e os profissionais que ali lecionam. Em uma visita à E. E. Pedro II, pude conhecer André e Mônica, professores de Artes da unidade. Em entrevista com eles, compartilharam comigo um pouco do funcionamento das aulas de Arte e de Linguagem Artística que compartilho abaixo.

A Escola Estadual Pedro II é uma Escola PEI, do Programa de Ensino Integral, em que os estudantes frequentam 9 horas diárias. Em um dos caminhos do Governo Estadual para lidar com essa grande carga horária, o campo das Artes foi subdividido em duas matérias: **Arte e Linguagem Artística**. A respeito da disciplina Arte é

demandado pelo Estado um programa com um escopo que define a matéria, habilidade e objetivos a serem aprofundados, cumprindo certo cronograma. Já na disciplina de Linguagem Artística, a professora Mônica afirmou existir maior flexibilidade, normalmente relacionando com as temáticas estudadas em Artes, mas por meio de projetos que transitam mais entre as linguagens.

Dentre as práticas realizadas nas aulas de Linguagem Artística, a professora Mônica discorreu sobre um projeto que relacionou Danças com Movimentos Corporais, passando por questionamentos acerca da dança e da música na perspectiva de pessoas com deficiência, como relata abaixo:

No segundo bimestre, nós vamos trabalhar dança, no primeiro bimestre foi música. Só que eu não vou passar pro 4º e 5º (na disciplina de Linguagem Artística) o tipo de dança, toda aquela parte histórica, a regionalidade daquela música. O que eu faço: eu vejo aquela proposta, mas eu faço um link com, por exemplo, os movimentos corporais. Dançar é movimentar-se. Porque assim eles ampliam muito essa visão. Aí começam os questionamentos: “Prô, mas eu já vi na televisão uma moça dançando de cadeira de roda, ela não se movimenta”. E a gente vai abordando esses temas, com a cadeira, outros tipos de dança, como é que o deficiente auditivo escuta a música? Eu falo daquela coisa da vibração, da parte corpórea, ele se toca para escutar som. Então, eu trago esse universo da linguagem artística

dentro das artes e das linguagens que eu posso trabalhar.
(Xavier, Mônica)¹

Já o professor André comentou de um projeto desenvolvido em parceria com os educadores de Educação Física, chamado Cultura do Movimento. André ressaltou que nessa disciplina a escola exige que seja desenvolvido um projeto, seja de uma questão observada no ambiente escolar ou de uma proposta que vem da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Ainda sobre essa diferenciação, a professora Mônica compartilhou a dificuldade que existe de desconstruir a chamada “Aula de Educação Artística”, que compôs o currículo escolar durante muitos anos e que ainda é carregada por meio das expectativas dos familiares de que a “Aula de Artes” seja sobre pintura e artesanias, desconsiderando a importância de todas as linguagens artísticas como componente importante na história da humanidade:

Principalmente, os pais dos nossos alunos, eles ainda tem aquela impressão de que a aula de Artes e a aula de Linguagem Artística é somente desenhar e pintar. A primeira coisa que a gente escuta, principalmente em reunião, : ‘Aí eu adorava as aulas de Educação Artística’, como eles falavam, ‘a gente pintava vaso, pintava não sei o que, pintava, pintava, pintava...’ [...] eu acho que na PEI, para trabalhar essas duas questões de linguagens, Artística e Arte, eu acho isso muito bem sacado, muito bem bolado, para tirar esse estigma da Arte [...] e mostrar

¹ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

pra eles que não se fala da história da humanidade sem falar de arte, falar da importância que esse componente tem na vida de qualquer pessoa. (Xavier, Mônica)²

Em seguida, após conhecer mais sobre os projetos e funcionamento das disciplinas, lembrei os professores sobre o que trouxe inicialmente esta ação da UNESP para a Pedro II: a disciplina da Pós Graduação oferecida pelo professor Leandro Oliva, que pretendeu investigar as relações entre a educação formal, que acontece nas escolas, e a educação social, que acontece em outros espaços, como na rua. Nessa pesquisa, foi por nós adotada a palavra território para **tecer essas costuras entre a rua e a escola** a partir do reconhecimento do ambiente que se habita. Nesta próxima parte da entrevista, busquei saber mais sobre a relação deles com o território onde a Pedro II está localizada: a Barra Funda.

Inicialmente perguntei-lhes se moravam próximos à escola: André respondeu que mora num bairro vizinho, cerca de 3km da escola, e Mônica mora num bairro mais afastado, cerca de 7km da escola. Apesar de não morarem exatamente na Barra Funda, os dois contaram que já haviam tido contato com o bairro, seja na época da faculdade como relatou Mônica ou participando de coletivos de Arte, como mencionou André. Outro ponto que os professores concordaram foi de afirmar esse território enquanto muito **cultural**, por conta dos espaços culturais e murais de arte urbana que brotam nesse **solo fértil**.

² Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

Figura 12 — Fotografias do entorno da E E Pedro II



Fonte: Arquivo pessoal. Natália Mazarim, 2024.

Decorrendo dessa última pergunta, o professor André apontou que a maioria dos estudantes moram no bairro, o que confirma o quanto essas referências visuais de arte urbana estão presentes no cotidiano deles. Dessa forma, os professores se mostraram bem abertos a receber o que os estudantes trazem para a sala de aula a partir de suas vivências e seu entorno, que muitas vezes é o entorno da escola também.

Sobre esse tópico, André discorre:

Eu acho que nós estamos em uma região privilegiada de certa forma. Aqui próximo tem o Elevado, com muitas

obras de arte e muitos murais. E muitos dos estudantes moram aqui na região, então, ao falar de arte urbana, eles estão mergulhados nesse universo. Eles conseguem interagir com essas obras e também já trazem esse repertório. Tanto é que, no ano passado, teve um projeto aqui em parceria com a Casa Mário de Andrade e a proposta foi fazer uma oficina de grafitti. Os artistas vieram até a escola, desenvolveram essa oficina, em algumas partes da escola foi utilizada para construir os grafites e as crianças participaram muito. Elas gostaram. Esse ambiente que nós estamos é muito rico, sobretudo em arte urbana. (Matos, André)³

Por fim, seguindo com um dos objetivos do projeto que estamos desenvolvendo nesta publicação, solicitei aos professores que compartilhassem práticas que realizaram que lhes orgulhavam, de forma a divulgar o trabalho importante que realizam e também registrar práticas que permearam as aulas de artes na E. E. Pedro II.

Apesar de apontar a falta de recursos, André relatou um projeto realizado em 2024 na disciplina de Linguagem Artística:

Olha, não há muitos recursos materiais na escola, então não dá pra se explorar o quanto nós gostaríamos, mas no ano passado teve um projeto do Agosto Indígena. Nós levamos os 4ºs e 5ºs anos ao Museu das Culturas Indígenas. Lá os educadores apresentaram o museu, falaram sobre a importância daquele local para a sociedade e após essas visitas nós recebemos aqui na escola um indígena, educador do museu, e ele conseguiu vir aqui ministrar uma oficina de pulseira, uma pulseira

³ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

sagrada para o povo Guarani Mbya. Ele esteve aqui na escola, ensinou os estudantes a confeccionar as pulseiras e o que eu achei bem legal foi que todos os estudantes gostaram e continuaram usando aquela pulseira por um período. Isso reverberou uma comunicação entre eles de forma positiva. Eles perceberam a importância daquele artefato para aquela cultura e incorporaram isso ao dia-a-dia deles. (Matos, André)⁴

Ainda sobre a experiência, André conclui:

E foi bem legal esse momento. No momento das oficinas, o educador ia narrando sobre os hábitos, as visões do povo dele, então isso deixou os estudantes bem atentos a tudo que ele estava falando. Houve um respeito pela presença dele, foi bem rica essa experiência. (Matos, André)⁵

Sobre a mesma pergunta, Mônica compartilhou um projeto que desenvolveu em outra escola com o professor de Educação Física sobre circo e outro projeto sobre a Copa do Mundo. O projeto sobre circo teve retornos muito positivos da escola e familiares, podendo incluir a comunidade. A professora comentou que, apesar de ter proposto, devido a impedimentos da última gestão não conseguiu realizar o projeto do Circo na Pedro II, mas relata como foi na outra escola que realizou:

Lá, (em outra escola) nós fizemos um mega projeto, nós fizemos uma apresentação circense mesmo dentro das nossas possibilidades, incluindo picadeiro. [...] foi bem

⁴ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

⁵ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

amplo, bem legal. Primeiro era uma coisa somente para a escola mas ficou tão bom o projeto que nós expandimos para os pais e depois para convidados e etc. (Xavier, Mônica)⁶

Já no projeto alinhado à Copa do Mundo, realizaram um grande desfile na rua com as crianças, o que foi muito bem recebido pela equipe da escola e familiares, por também uma questão de memória afetiva.

Nós fizemos um desfile na rua, com as crianças, com carro de som e com elas caracterizadas com vestimentas que nós confeccionamos junto dos alunos. Vestimentas da Coréia, roupa da coréia, chapéu, foi muito interessante e ficou bem legal também. Como nós saímos na rua, ao entorno da escola com o auxílio da polícia militar, todo mundo foi saindo, ficou uma coisa nostálgica. Vocês são muito mais jovens do que eu, mas na minha infância era muito comum a gente estar no nosso bairro e em determinadas datas, ter um desfile na nossa rua, não só lá no sambódromo no 7 de setembro. As escolas desfilavam, então ficou uma coisa muito nostálgica, nós recebemos muitos elogios dos pais, foi bem legal também. (Xavier, Mônica)⁷

Outro tópico que foi levantado durante a entrevista foi o compartilhamento da dificuldade de se estabilizar em uma escola sendo professor contratado (e não concursado), sobre isso, André conta:

Eu sou contratado também, e a categoria O (Contratação temporária) vive pulando de escola em escola [...] Nós não

⁶ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

⁷ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

temos muitas escolhas, de acordo com a classificação no processo seletivo eu consegui pegar aqui, atribuí aulas nesta escola, mas nem sempre isso acontece. Eu já trabalhei em escolas no Jaraguá, que fica bem distante da minha casa, e é outra realidade também, os estudantes vêm de outra interação com o meio, a forma que eles nos põem aos questionamentos sobre Arte é totalmente diferente também. (Matos, André)⁸

Esse fato complexifica as possibilidades de continuidade nas escolas e também diminui as chances dos profissionais de conseguirem indicar o território de preferência, o que gera uma quebra nos processos educativos e também uma dificuldade em estabelecer uma conexão maior com os estudantes e com o território.

Por fim, arrematando essa costura e finalizando a entrevista, agradei a disponibilidade e partilha dos educadores sobre suas práticas em diálogo com o território, possibilitando que eu conhecesse mais sobre a parte de dentro dos muros que estive investigando por fora.

Buscando analisar o que fica pra mim, após essa vivência que a disciplina me proporcionou, acredito que, mesmo antes de entrar em contato com quem leciona as aulas de artes da Escola Estadual Pedro II, o exercício da imaginação me engrandece enquanto educador. Assim que busco ser, depois dessa experiência de atenção, de ser fígade, experimentar se emocionar e guardar preciosidades vendo nelas narrativas possíveis nesse exercício imaginativo-propositivo.

⁸ Entrevista concedida a Leo Carvalho, em 2025.

No decorrer, após o contato com os professores, para além da fabulação, ressalto a importância da **curiosidade**. Corpos curiosos que se movimentam, vão atrás de conhecer, reconhecer e valorizar a prática de outros educandos. A maneira que desenvolvemos esses estudos foi de um cuidado e atenção muito singela. Acredito que essa experiência tenha transformado a forma que agimos enquanto educadores, enquanto corpo que conhece e reconhece o chão que pisa. Corpo que conhece e reconhece as vozes plurais que habitam a sala de aula, alimentando construções coletivas e atenção às outras perspectivas.

Referências:

MATTAR, Sumaya. O ato cartográfico na docência da arte: instaurando estados criativos de experimentação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 26., 2017, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. Disponível em: https://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S10/26encontro_MATTAR_Sumaya.pdf Acesso em: 20 jun. 2025

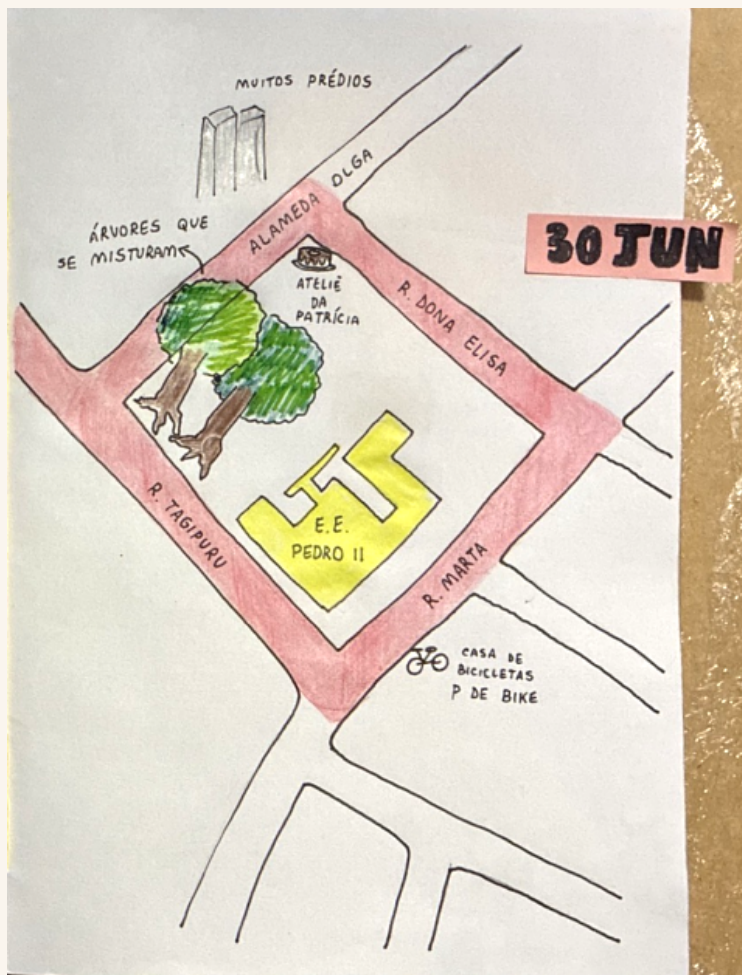
PENHA, Leandro de Oliva Costa. **Das frestas dos muros: o ensino de arte em diálogo com o território, a partir de Paulo Freire**. 2023. Tese (Doutorado em Teoria, Ensino e Aprendizagem) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-17112023-110348/pt-br.php>. Acesso em: 11 jun. 2025

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2019.

Potência daquilo que fica

Yago Teruo Aureliano Bezerra

Figura 1 — Página do caderno



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 2 — Ilustração feita a partir de recorte descartado



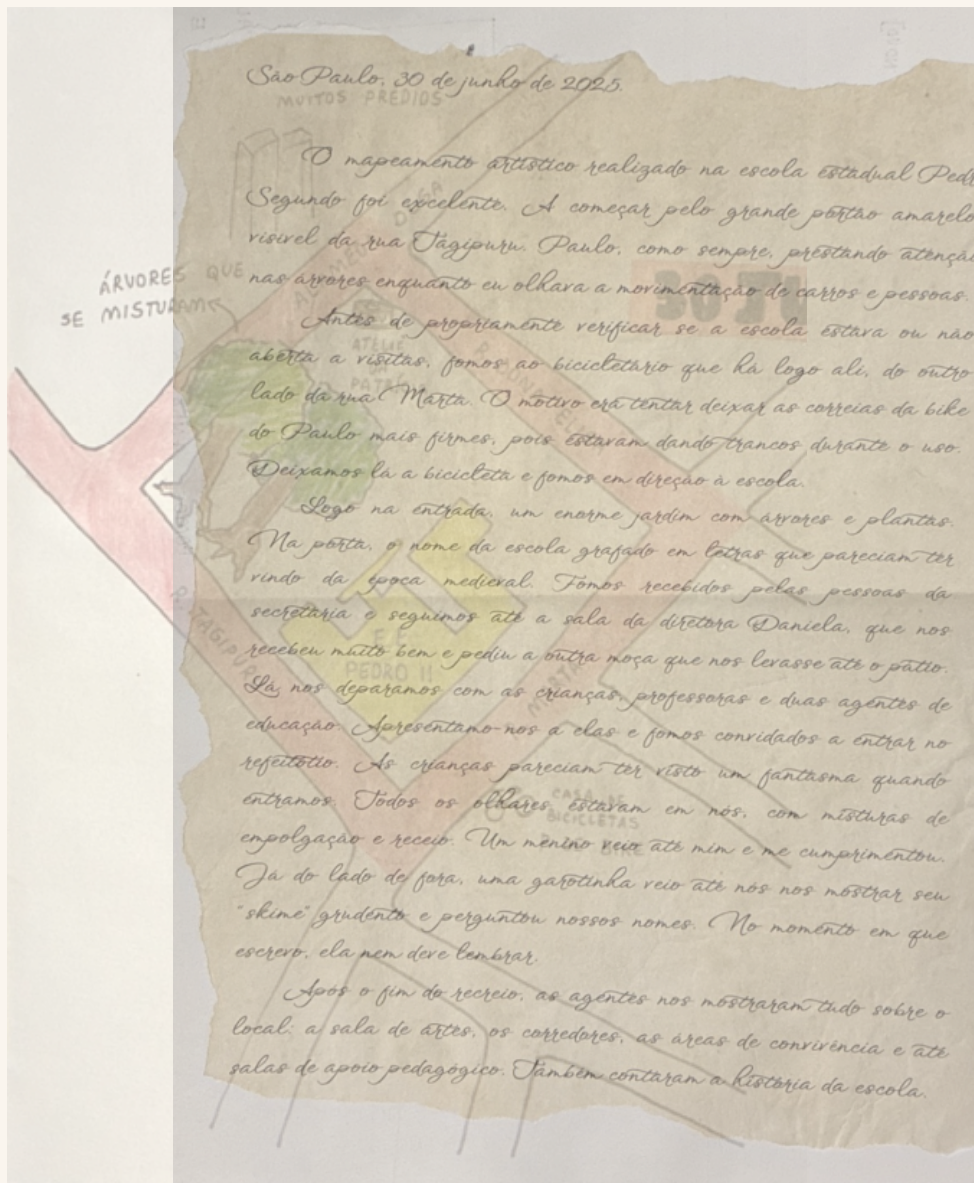
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Visitei os arredores da **Escola Estadual Pedro II** no dia **30 de junho**, com meu amigo **Paulo**. Neste mapeamento, utilizei os mesmos procedimentos poéticos que comento no texto da outra escola, mas para fins de esclarecimento repito-os aqui: uma produção de imagens através de escrita, desenhos e colagens, em um tempo posterior ao do ato de caminhar.

Chegamos lá na parte da tarde e fomos até uma bicicletaria perto da entrada da escola, pois **Paulo** precisou ajustar as correias do seu principal meio de transporte, que esteve sempre presente nos nossos mapeamentos em dupla. Além de observar os estabelecimentos, me chamou a atenção o grande muro amarelo que delineia o casarão no qual a escola foi construída. Um edifício rodeado de árvores, repleto de histórias. Desta vez, durante a caminhada coletei poucas coisas, dentre elas um recorte que parece ter vindo de uma festa junina de dias anteriores, em frente a uma casa decorada com os elementos típicos.

Terminada uma volta pelo quarteirão, tentamos a sorte de conseguir ver o interior da escola. Conversamos com as **pessoas da portaria** e nos deixaram entrar. A diretora **Daniela Faquim** nos recebeu muito bem, porém não pôde nos mostrar a escola. Quem o fez foram outras duas moças, **as agentes escolares** que ali trabalham e ajudam as professoras a lidar com as crianças - estas, todas no ensino fundamental 1. Com elas vimos todos os espaços e conhecemos a história do edifício, que é patrimônio histórico da capital de São Paulo.

Figura 3 — Páginas sobrepostas digitalmente



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.



Escrevo, para este mapeamento, um texto menor porque parte do registro do que vivi coloquei no caderno. Nele, tudo se transformou em: a) imagens e composição com recorte; e b) contação da história vivida. Nesta última, me deixei levar pelas histórias daquele território e simulei uma escrita antiga, através de impressão em um papel amarelo que amassei para parecer velho. Neste exercício, destaco a construção da visualidade da memória, entrelaçando o presente e o passado.

Curiosamente, naquele dia conhecemos e falamos com muitas pessoas, então muito escapou à memória. Mas foi a partir disso que meu procedimento se revelou como **uma prática de materializar o lembrado e perder de vista o não-lembrado**, gravando na memória a potência daquilo que fica.

O que fica e o que passa

Arthur Coutinho Romero

Como o tombamento preserva um espaço?

Como o tombamento impede a intervenção das pessoas sobre o espaço?

Fotografia 1 — Registro de um imóvel abandonado e de um conservado



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Essas foram questões que me atravessaram durante o meu mapeamento ao redor da escola Pedro II, uma escola tombada, que vive a contradição da preservação e da criação na pele.

Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (Freire, 1996, p. 33)

O território da escola é repleto de casas antigas, lindas, porém na maioria das vezes abandonadas, sem exercer o seu papel de lar. Elas se tornam telas para a ação do tempo, e da arte.

Fotografia 2 — Artes urbanas em imóveis abandonados



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Fotografia 3 — Registro de artes urbanas dentro da Pedro II



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Baseado no texto “Um olhar para o território e as práticas educativas” de Leo Laura Carvalho, presente nessa coletânea, nós descobrimos que já foram realizadas oficinas de arte de rua com os alunos da escola, e através das obras resultantes é possível perceber o impacto que a arte ao redor tem sobre as pessoas do território.

Esse potencial artístico encontra um impedimento no tombamento. A escola possui um extenso muro, que, por conta do tombamento não possui arte alguma, fazendo com que pessoas que

moram na região não saibam que aquele terreno se trata de uma escola.

Fotografia 4 —Registro do muro sem artes da Pedro II



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Baseado nessa contradição, eu construí uma proposta pedagógica, que convida as pessoas à realizarem um mapeamento do território, baseado no que elas querem que fique (seja preservado) e o que elas querem que passe, e nesse momento a criatividade deve dizer o que virá no lugar disso que passará. Como proposto por Paulo Freire, as pessoas devem denunciar as injustiças e anunciar o outro mundo possível.

O abandono cria ruínas, que nos rodeiam. O que elas preservam? Como elas nos impedem? Podemos começar pela curiosidade, enxergando outros mundos possíveis, e então criá-los, vivê-los, através da arte.

As paisagens globais de hoje estão repletas desse tipo de ruína. Ainda assim, esses lugares podem ser animados, apesar dos anúncios de sua morte, campos de ativos abandonados às vezes rendem novas multiespécies e vida multicultural. Em um estado global de precariedade, não temos escolha a não ser buscar a vida nesta ruína. Nosso primeiro passo é trazer de volta a curiosidade. (Tsing, 2022, p. 46)

Em seguida compartilho o meu mapeamento:

Fotografia 5 — Registro do mapeamento



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.⁹

⁹ Lê-se: "Eu quero que a (Escola Estadual) Pedro II fique".

Fotografia 6 - Registros do mapeamento



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.¹⁰

¹⁰ Lê-se, na imagem da esquerda: “Eu quero que os gatos fiquem”; na imagem da direita: “Quero que as flores fiquem”.

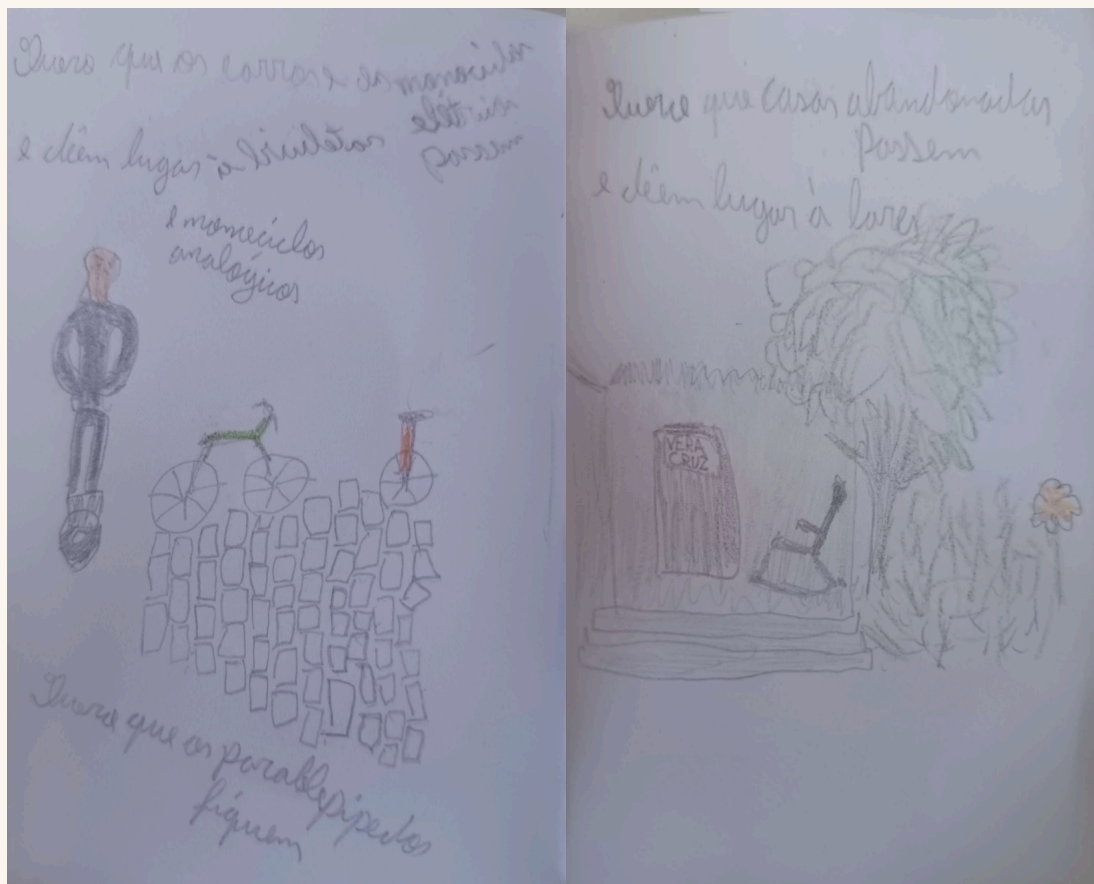
Fotografia 7 — Registros do mapeamento



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.¹¹

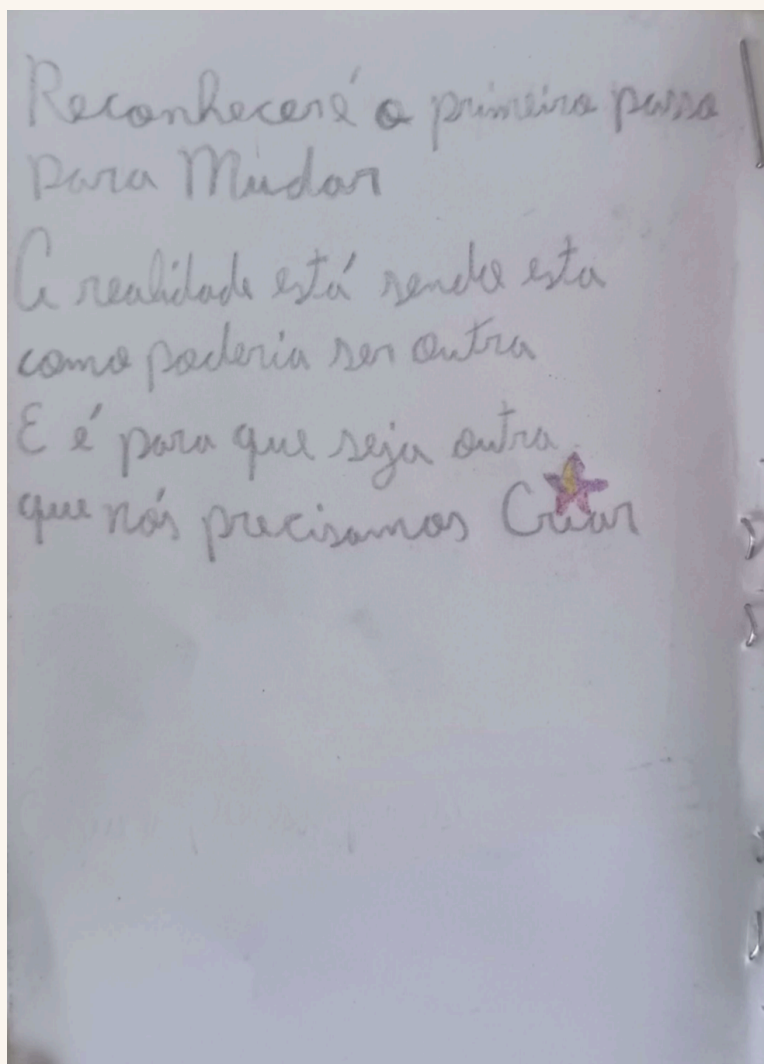
¹¹ Lê-se, à esquerda: “Quero que as artes fiquem”; à direita: “Quero que as paredes vazias deem lugar à artes e bancos (de sentar)” e “Quero que esse banco trançado fique”.

Fotografia 9 — Registros dos mapeamentos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.¹³

¹³ Lê-se, à esquerda: “Quero que os carros e os monociclos elétricos passem e deem lugar a bicicletas e monociclos analógicos” e “Quero que os paralelepípedos fiquem”; à direita: “Quero que as casas abandonadas passem e deem lugar à lares”.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.¹⁴

¹⁴Lê-se: “Reconhecer é o primeiro passo / para mudar / A realidade está sendo esta / como poderia ser outra / E é para que seja outra / que nós precisamos Criar”.

Referências:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 77. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo:** sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

Encontrando tempos

Tasso Micchetti André

Uma vez, já faz alguns anos, entrei em uma igreja no centro da cidade para fugir da tarde escaldante que fazia lá fora e, à sombra, recuperar meu fôlego antes de retomar as coisas do dia ou ser por elas retomado. Aos poucos, naquele recinto, passei a notar as diferenças entre os dois ambientes que ensejavam então o meu alívio. A quentura de fora, evidentemente, e o frescor de dentro; o mundo superexposto pela luz solar e o espaço íntimo pontuado de pequenas luzes da casa de fé; o grito da civilização e o silêncio do abrigo e, por fim, dentre outras distinções, a que me pareceu mais significativa: a diferença de tempo entre os dois ambientes. Mas, oras!, poderia alguém perguntar, o dia não tem as mesmas 24 horas seja dentro ou fora de qualquer lugar? Bem... sim e não. Se tomarmos o relógio como referência, veremos sempre as mesmas horas sendo indicadas a cada momento do dia em cada região temporal do globo, é verdade. Contudo, o tempo ao qual me refiro é não outro que a **experiência de tempo**, ou ainda, tempo como experiência, e, considerando a possibilidade de experiencarmos diferentemente o tempo em diferentes espaços, também espaço como tempo como experiência e, porque frequentemente um acontecimento pode ser o

motivo da experiência, acontecimento como espaço como tempo como experiência. Explico: as condições do ambiente possibilitaram que um estalo proveniente do banco que então me amparava se esticasse demoradamente pelo interior da igreja, fazendo com que coincidissem, ao menos em minha cabeça, o estalo, o espaço no qual se propagou, o tempo que durou e, evidentemente, a experiência de tudo isso. Aliás, por experiência, digo já, me refiro à vivência consciente e significativa de algo que, por ser assim, enseja a **produção de sentido**. Pessoalmente, como fato significativo do episódio narrado, ficou a própria descoberta, ou antes, a tomada de consciência desse espaço de produção de sentido que, creio, é também o espaço do **aprendizado**. Lá fora, no cotidiano acelerado das coisas, esse lugar dificilmente seria encontrado, visto que, entre uma tarefa e outra, um trabalho e outro, um compromisso e outro e urgências variadas, *raramente se tem tempo*. Sofremos de excesso de horários e escassez de tempo e, conseqüentemente, de falta de experiência.

Figura 1 — pátio da E. E. Pedro II (detalhe).



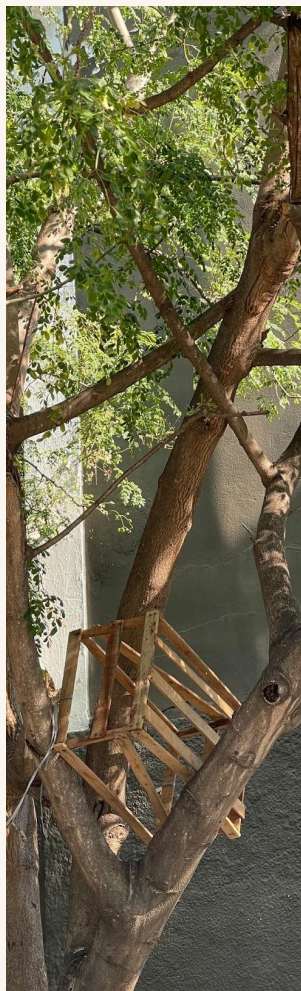
Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Como as igrejas, também as escolas parecem preservar um tempo típico de seu espaço. Quando visitei a **Escola Estadual Pedro II**, na Barra Funda, tive uma experiência bastante interessante, pois, embora ali entrasse pela primeira vez, o fazia pisando, ao mesmo tempo, passado e presente. Entrei então na Pedro II, na capital paulista, como muitas vezes antes, na minha infância, tinha entrado na Escola Estadual Dr. Rubião Júnior, em Casa Branca, pequeno município do interior do estado. As duas instituições têm quase a mesma idade, sendo a da capital, fundada em 1919, apenas 16 anos mais jovem que a escola que frequentei quando criança. Além disso, as duas escolas possuem semelhanças estruturais, como pés-direitos altos, salas amplas e bem iluminadas com enormes janelas, longos corredores, largos espaços abertos e a mesma cor amarela em suas paredes externas, o que reforçou então a minha sensação de ter passado pelo interior da Pedro II em dois tempos sobrepostos, o tempo presente e o tempo da memória (também presente). Indiscutivelmente, a escola faz parte da memória de grande parte da população, mas devemos reconhecer que a maior parte de seus frequentadores em qualquer tempo está passando por ela pela primeira vez e, portanto, vivendo agora o que depois será memória. Um tempo de cada vez.

Da igreja para a escola, de dentro para fora... para dentro e fora da escola. **Seria possível a criação de situações de aprendizado que vencessem os muros da escola com uma perspectiva de integração desta com o**

seu entorno? Acredito que sim. Vejamos seus arredores, a começar pela sua rua de entrada.

Figura 2 — caixote.



A **Rua Marta** é relativamente tranquila e bem vestida de asfalto, pronta para receber certa quantidade de movimento em horários de pico. Em seu lado par, entre a Rua Parintins, alinhada à entrada da escola, e a rua sem saída, finalzinho da Rua Dona Elisa, mais abaixo, apresenta casas geminadas de tijolinhos à vista ou de pinturas mais ou menos recentes, embora as casas mesmas já não sejam mais meninas. Na esquina desta rua com a Dona Elisa, ainda no lado par, sem saída, via-se no dia 23 de julho, um caixote, provavelmente de feira, ligeiramente desestruturado, segurado entre os galhos de uma árvore mediana, fato que dava a imaginar se algum pássaro ali não tentava construir sua morada copiando com madeira a estrutura das casas de alvenaria ao seu redor. No lado ímpar da mesma rua, mais casas geminadas, e uma delas, por placas, a comunicar “reforma de baixo impacto” e “chame alto”.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Outra casa, na esquina, aparentemente abandonada e selada com lajotas, ostentava em um tapume preto um belo pixo parecido com uma escrita cursiva ou uma mola.

Figura 3 — Pixo em tapume de uma casa abandonada na Rua Marta.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Dobrando a esquina, começamos a dar a volta no quarteirão da escola pela **Rua Dona Elisa**. Rua de paralelepípedos remendada de asfalto que é a mais tranquila do entorno e parece mais chegada que passagem.

Figura 4 — Casa amarela



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Nela, os pássaros cantam devagar, as casas de pisos lavados e janelas atentas parecem aguardar a hora da fofoca e os carros nativos descansam na sombra das árvores. No meio do quarteirão, logo após um restaurante com distinção do Guia Michelin, algumas poucas casas comerciais em uma mesma calçada se destacam pelas cores bastante saturadas, como se fossem marcas, em uma rua de cores bastante discretas. Atravessando para a outra calçada, o único prédio bem alto da rua, distinto da paisagem, de outra maneira, interiorana. Lá na ponta, já chegando à Alameda Olga, as janelas de fato dão recados. Em um lado da rua, “APT 2 Bater na janela”, do outro lado, “Costureira”, lê-se em um bilhete no vidro — e após o vidro, uma costureira! Na esquina, aparecem novamente as cores saturadas, uma vez mais em estabelecimentos comerciais.

Na **Alameda Olga**, também asfaltada e mais ansiosa do que a Dona Elisa, duas coisas chamam a atenção. Primeiramente, o aparente embate entre alguns poucos prédios altos e novos e outros menores e mais idosos, como se estivessem em uma barreira para cobrança de pênalti em jogo de futebol. Os prédios menores, no caso, parecem conter ainda o avanço dos espigões e, dessa maneira, proteger naquele flanco uma reserva de céu aberto para o quarteirão da Pedro II. Depois, subindo na direção da Rua Tagipuru, em uma casa abandonada, um grafite feito por **Rodrigo Grau**, que, segundo descrição em seu Instagram (@grau-one), além de artista visual, também é professor.

A **Rua Tagipuru** é a rua do SENAI, a mais movimentada do entorno da escola Pedro II, com bares e lanchonetes — “a melhor batata frita da Barra Funda”, anuncia uma placa — e prédios mais altos e mais novos entre séries de casinhas geminadas aparentemente mais antigas. Uma dessas casinhas, a de número 91, ostenta em sua fachada uma placa com um ícone de nuvem e nada mais, uma placa nada comum que também faz imaginar o que de fato poderia indicar.

Figura 5 — Placa de nuvem na casa 91 da Rua Tagipuru.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Agora, de volta à Rua Marta e à frente da Escola Estadual Pedro II, acredito ser possível identificar, pontos e estabelecer relações entre a escola e seu entorno que ensejam sim a criação de atividades ou acontecimentos como espaço como tempo como experiência na perspectiva de integração ou, ao menos, de aproximação entre a escola e o seu território. É possível, por exemplo, relacionar o mural do 3º B, com desenhos de “arraiá”, na escola, com o cartaz que anuncia o arraiaí do restaurante na Rua Dona Elisa. Também os desenhos de giz das crianças e grafites na escola com os pixos e grafites de seu entorno. Ainda, o céu e a placa de nuvem, cores das casas e cores da escola, as possibilidades são muitas.

É preciso tempo...

Figura 6 — Mural com desenhos dos alunos do 3ºB.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Figura 7 — Cartazes sobre o Arraiá Baiano.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

"Interessam-me agora
tão-somente as
impressões captadas
pelos sentidos,
e estas
livro algum,
pintura alguma
oferece."

E. E. DR. ALARICO SILVEIRA



Caminhar, Olhar, Contar: entre as árvores do entorno

Paulo Borges

Figura 1 - Cabriuva S2



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Participar de um processo educativo sempre é um ato de compartilhamento, de dividir com outros, pelo mundo, as maneiras como ele ganha sentido pra gente, de mostrar as maneiras como os elementos da nossa experiência se articulam para nos dizerem algo. É no ato de compartilhar que criamos espaços comuns, exteriores, que se alimentam da vida que cada um vive do lado de dentro, e que, ao mesmo tempo, nutrem a nossa vida interior através da criação coletiva que esses espaços engendram.

Eu olho árvores na cidade. Olho o tempo todo, faz alguns anos, onde quer que eu vá, como um programa que fica rodando em segundo plano na cabeça. Faço registros fotográficos também, mas esses registros não ficam só arquivados na galeria de fotos do meu celular. Começou em 2022, quando eu me propus registrar, tentar distinguir e organizar as árvores que eu percebia na cidade, compartilhando as minhas descobertas em stories no Instagram. Eu já vinha, então, observando árvores com mais atenção, no que parecia só uma curiosidade besta, para suavizar o tédio que os caminhos repetidos me provocavam no cotidiano urbano, e logo que aprendi a reconhecer meia dúzia de tipos de árvores, veio a necessidade de compartilhar esse aprendizado. As redes sociais, tão disponíveis nesses tempos hiperconectados, se mostraram compatíveis com a urgência dessa necessidade, e com a facilidade de mostrar as coisas no formato tipo de um diário público, como tantas pessoas já fazem com os mais diversos aspectos de suas vidas.

Nunca tive nenhuma educação formal nesses assuntos de plantas, então tento desvendar a paisagem vegetal da cidade do meu jeito, por caminhos tortuosos entre o Google, os livros e as minhas próprias observações. Pesquisando desse jeito independente, sempre achei importante, para a transparência da comunicação nas redes, explicar a maneira como eu chego nas conclusões, as minhas hipóteses, incertezas. Assim, o diário dos meus encontros com árvores na cidade acabou se tornando também um diário do meu processo de aprendizado. Por muito tempo, segui empenhado na minha exploração e investigação sem classificar essa atividade. Não me reconhecia, então, nem como artista, nem como educador, nem como digital influencer. Parecia que fazia tudo isso ao mesmo tempo, mas de um jeito que não se encaixava nos padrões dessas categorias. Hoje considero que, de fato, faço tudo isso junto, pois a minha visão das práticas próprias desses campos vem se ampliando, e entendo que a raiz delas está justamente no compartilhar, na busca por interlocução que conduz à criação, quando essa busca ganha cara, coração, localização e contexto.

Desde então, a cidade não cansa de me surpreender, todo dia. Ela deixou de ser apenas um emaranhado de ruas, trajetos, estratégias de locomoção e fluxos de pessoas e veículos que a gente distingue tão somente como colaborando ou atrapalhando o nosso caminho individual. De uma hora pra outra a cidade ficou cheia para a minha vista. Os percursos se tornaram mais interessantes que os destinos, as esquinas desconhecidas viraram convites. A rua

e o cotidiano viraram o campo para as minhas investigações, que não eram mais só sobre árvores, mas sobre como as pessoas se relacionam com elas.

Eu gosto de saber como as pessoas percebem as árvores e, como observador atento dos meus próprios processos internos, de saber como as pessoas aprendem sobre árvores também, mas sem a pretensão de chegar a qualquer conclusão geral sobre a percepção ou sobre o aprendizado. Percebi que eu gosto justamente de apreciar a particularidade da relação das pessoas com as árvores na cidade. Me descobri um coletor e semeador de histórias com árvores. Essas histórias mexem com a gente, nos aproximam da experiência do outro, me ensinam sobre botânica também — pois o povo sabe muito de plantas, falta é ocasião para contar — mas me trazem também, lições de outras naturezas, sobre a cidade e sobre a vida. Pra mim isso basta. Acho que é isso o que eu mais gosto no final, da interlocução bem localizadinha.

Por causa desse interesse, leio bastante material técnico sobre botânica, urbanismo e agricultura. Acho que admiração e a gratidão por esse modelo de construção intelectual fez com que eu sentisse várias vezes, no passado, que meu diário virtual era um tipo de subtrabalho técnico, um amadorismo entusiasmado, com dados empíricos fragmentados, fragilmente sistematizados e de um jeito pessoal demais. Com a continuidade da prática reflexiva, entendi que o mais interessante para mim era dialogar com a botânica, da mesma forma que dialogo com pessoas que me param para perguntar o que diabos estou observando

tão atento numa calçada ou praça ordinária. Acho que entender-se como um investigador autônomo, com motivações próprias, é a chave para dar sentido, pessoal e coletivamente, às maneiras que a ciência tem de conceituar o mundo. Sem esse passo, os livros se reduzem a palavras ocas. Sem isso a visão dos livros reduz-se a palavras ocas. Exercitar esse modo de estar no mundo, inclusive, também considero um caminho aberto para vários insights críticos sobre a natureza das coisas científicas. Um livro de ciências ou de poesia na gaveta não adianta nada, lugar de botânica e poesia é na calçada. Eu achava a biologia interessante na escola, assistia com gosto a documentário National Geographic na TV, mas olhando árvores eu sinto que vivo a biologia.

Figura 2 — Troncos de ipês



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Consola-me que, nestes nossos tempos estatísticos, tudo isso já deva ter sido impresso, podendo-se oportunamente aprender a respeito nos livros. Interessam-me agora tão-somente as impressões captadas pelos sentidos, e estas livro algum, pintura alguma oferece. O fato é que meu interesse pelo mundo se renova; testo meu poder de observação e examino até onde vão minha ciência e meus conhecimentos, se meus olhos estão limpos e veem com clareza, quanto posso apreender em meio à velocidade, e se as rugas sulcadas e impressas em meu espírito podem ser de novo removidas. Já neste momento, em que estou por minha própria conta, em que preciso estar sempre atento e presente, dão-me esses poucos dias ao espírito uma elasticidade inteiramente nova.

Goethe, *Viagem à Itália*, 1786 - 1788.

Figura 3 — Nos canteiros da escola



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Conversando com as pessoas, frequentemente me fascina o repertório que elas têm sobre plantas. Suas histórias, impressões e saberes influenciam o rumo das minhas investigações. O fato de que a bagagem botânica que cada pessoa traz consigo é rica não é o que surpreende — mesmo invisibilizadas e subestimadas por certas lógicas urbanas preponderantes, as plantas ainda participam intensamente da vida de todo mundo de maneiras muito diversificadas, ainda bem. Surpreende sim ver essa relação se manifestando de formas tão particulares. As pessoas fazem as investigações delas também. Cinco minutos de conversa e já percebo descaradas as sementes de indagação curiosa, hipóteses, convicções. Mas sem terreno fértil de troca, de conversa, o adubo para a atualização das investigações, estas definham. O chamado senso comum é um grande repositório dessas narrativas, esse pacotão pra onde é jogado tudo o que não é amparado por consensos dos clubes de especialistas. É na sua bagunça de contradições que gosto de navegar, pois nesses mosaicos e colagens é que consigo ver o reflexo da cidade, dos seus territórios. Me interessam as contradições sim, quando eu vejo que elas carregam vida e a possibilidade para um alargamento de mim.

Há de se considerar, além disso tudo, os aspectos sensíveis da relação com as árvores, outro campo sem fim da exploração, a multiplicidade de formas de assimilar os aspectos sensoriais dos encontros com árvores: formas, cores, texturas, cheiros e sabores — mas ainda falarei disso com mais detalhe no AudioTour que apresentarei adiante.

Enfim, para colher uma impressão viva sobre uma árvore, com tantos desdobramentos, basta a presença presente. Como educador, entendo que o meu papel nessa aventura é manter-me junto e aberto na caminhada.

Figura 4 — No interior da escola, pata-de-vaca e canafístulas



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Uma questão que se manteve para mim durante o processo de desvendar os arredores das escolas e produzir mapeamentos foi tentar entender o que caracterizaria os lugares por onde eu transitava, tentando destacá-los do resto da cidade. Às vezes, a gente pensa na cidade assim de longe — São Paulo! — e tudo parece igual, parece até que a única coisa que muda de um lugar para o outro é o tanto que é longe da nossa casa.

Eu já sabia que ia olhar pras árvores, mas nas minhas aventuras conhecendo e reconhecendo árvores por aí pela cidade, até a arborização da cidade me parece meio uniforme. Como a organização das minhas observações ainda é embasada principalmente nas espécies, eu acabo percebendo muito as coisas em termos do que eu já vi e do que eu nunca vi, ou que vi pouco ou ainda não identifiquei, como se eu estivesse colecionando figurinhas ou caçando pokémons, procurando joias, sempre mais e mais raras numa busca sem fim.

As árvores se repetem muito na cidade de São Paulo, e nos arredores da Escola Dr. Alarico Silveira não é diferente. Assim, olhar para os arredores da escola como uma lista de espécies arbóreas não me revelaria nada muito característico. Além disso, apesar da distinção das espécies arbóreas ser algo que está fora da percepção ou do conhecimento de muita gente na cidade, ainda é uma tarefa bem objetiva, sem muita poesia. Supondo um levantamento feito por alguém que sabe reconhecer as espécies, o resultado vai ser sempre o mesmo, não importa quem o faça. Mesmo as joias que eu encontrei por lá —

como as palmeiras espinhosas provavelmente do gênero *Bactris*, em um canteiro dentro da escola e que eu nunca vi outras na vida — não poderiam ser as protagonistas do mapeamento. Estas só são joias no meu levantamento pessoal, que envolve um longo histórico sobre muitos lugares em que já passei na cidade. O objetivo não era incluir o entorno do Alarico no meu mapa, e sim mapear o entorno do Alarico.

Parecia difícil. Por um tempo, foi um desafio. Depois da primeira visita que eu fiz aos arredores da escola, no meu caderno de notas: uma peça de um quebra-cabeças desenhada ao lado dos escrito ‘diz, Samuel, o que é que você pensou? nem é tão diferente assim’, e ‘tudo já foi visto’.

Não que a visita inicial não tenha me marcado de forma singular. Entre os galpões de sucata e de casas noturnas, os botecos hipsters, as casinhas de fachadas estreitas com cara de subúrbio de uma São Paulo muito antiga, os prédios novos se erguendo e as pequenas e novas galerias de arte que vem se instalando entre botequins ordinários, lá na Barra Funda, perto da escola, também coletei algumas histórias.

Logo depois de desarmar sem querer uma armadilha para capturar gatos que estava em um canteiro de uma edificação cercada por grades, na rua Barra Funda, conversei com uma senhora, de passagem, que me contou: “Isso aqui já foi PROCON, agora é o IMESC, que faz teste de DNA. Eles cuidam dos gatos aqui. Mas isso aqui vai derrubar.

Dá uma dó né? Hoje em dia eles só querem prédio”.
“Falou, menino. Bom final de semana!”

Figura 5 — Armadilha de gato desarmada



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Um pouco depois, enquanto eu olhava uma galeriazinha de arte pelo outro lado da rua, a voz de um homem, sentado em uma beirada na calçada, usando touca descartável, galochas e fumando um cigarro, interrompe a minha introspecção, dizendo, sem alterar a face sisuda: “acho que pode entrar lá, se quiser”

Figura 6 — Interior da galeria



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

No mesmo álbum musical de onde vieram os versos que anotei no meu caderno quando ruminava sobre a aparente uniformidade da cidade, uma outra canção diz:

*Meu bairro nunca foi igual ao bairro de nenhuma estória,
e tem seu próprio carnaval, um cidadão nunca vai ser igual*

Eu queria falar sobre as árvores, e no final a saída para isso surgiu do mesmo movimento de driblar essa máscara de familiar e de conhecido com que as coisas se apresentam pra gente frequentemente, como me diziam estes versos e como me mostravam essas minhas interações no território.

Lembrei-me de uma das maneiras de romper essa casca, uma maneira que faz parte da prática de manter

registros sobre árvores e de falar sobre elas. Frequentemente me vejo obrigado a descrever verbalmente as plantas, para poder me recordar do que vi. Uso descrições que extravasam os limites da linguagem de descrição botânica — esse código verbal que tem sua utilidade, mas tem também um monte de limitações. Falo aqui de descrições livres.

Descrever é, para mim, um modo de ver. Quando me coloco na tarefa de contar algo como se falasse para alguém que nunca o viu, sou obrigado a abrir espaço dentro de mim para cada detalhe. Esse gesto, que parece simples, torna-se um modo de lidar com aquilo que é complexo demais para ser assimilado de uma só vez. É como se a própria linguagem me convidasse a percorrer, com calma, cada parte daquilo que observo, dando-lhe o tempo necessário para se mostrar. Assim, descrever não é apenas traduzir o que vejo em palavras, mas construir um olhar que percebe o que antes estava oculto sob rótulos e categorias. Dizer “é um cedro” encerra a questão; descrevê-lo é reabrir a experiência — fazer com que o cedro apareça diante de mim e de quem me escuta, com seu tronco, sua folhagem, seu cheiro. É transformar o ato de nomear em um ato de presença.

Daí é que veio a ideia de fazer o AudioTour, de descrever as particularidades das árvores que eu observava *enquanto* eu as observava, e os aspectos da paisagem enquanto eu estava na paisagem. Pelo menos foi o que eu tentei, e foi no que eu trabalhei nas visitas seguintes que eu fiz aos arredores da escola. Gravei um áudio de cerca de duas horas, com a sugestão ao ouvinte para me

acompanhar numa caminhada nos arredores da Escola Dr. Alarico Silveira. Duas horas é uma tortura para um ouvinte, eu sei; tanto que, depois disso, achei uma boa ideia escrever um roteiro para gravar novamente uma versão mais curta no local, simulando que foi no mesmo dia em que gravei o protótipo. Não terminei o roteiro nem fiz essa gravação, mas ainda achei que valia a pena compartilhar aqui tanto o roteiro inacabado — que sinto que expressa certas ideias importantes para mim de forma muito melhor do que no protótipo — quanto o próprio protótipo: essa faixa de áudio de quase duas horas que, a despeito de todas as espirais das minhas ideias, hesitações e autocorreções da fala, ainda preserva algo essencial daquele momento — o som do carro do morango, minhas observações com explicações técnicas talvez desnecessárias e não muito claras, meu entusiasmo em certos momentos e meu cansaço ao final depois de tanto tempo falando. Acho que, no fim, o que importa mesmo é a busca por interlocução: não quero terminar nada sozinho. Mas ainda mantenho o projeto de concluir o roteiro e fazer uma gravação final.

[LINK PARA O PROTÓTIPO DO AUDIOTOUR](#)

Figura 7 — Ao pé de um aldrago



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Roteiro inacabado do AudioTour

Estamos na cidade de São Paulo. É final de agosto do ano de 2025 e falta cerca de um mês pra terminar o inverno. O tempo frio dos últimos dias deu uma trégua e hoje faz sol, mas o tempo continua seco de dar vontade de mergulhar a cabeça numa bacia de soro fisiológico e respirar lá dentro. A

vegetação da cidade toda empoeirada, sujando a mão de quem alisa as folhas. Muitas pitangueiras com folhas bronzeadas e ipês-brancos com as folhas cinza escuro quase chumbo; os jacarandás-mimosos com as folhas empalidecidas num amarelado encardido; os dedaleiros com folhas vão indo do marrom até quase vermelho, igual o colorido castanho avermelhado das folhas das amendoeiras-da-praia nessa mesma época. Nas árvores-da-china, uns pedaços com folhas bem amarelas se destacam na copa predominantemente verde, o conjunto fica verde&amarelo tipo bandeira do Brasil. As tipuanas com a folhagem rala, o contorno da copa já não é mais o de uma mancha opaca, e a cor de palha dos frutos pendurados é visível à distância. Canafístulas quase peladas também, só os conjuntos de frutos secos peixinhos no anzol seguem enfeitando os galhos desguarnecidos. As mangueiras, florindo, estão cobertas pelo rosado dos cabinhos das suas inflorescências, e os abacateiros, por sua vez, cobertos pelo verde clarinho do cabinho das suas. Os ipezinhos-cascudos, sem folhas, flocos pinceladinhos esparsos de amarelo vivo sobre a paisagem atrás deles, já os roxos (da flor cor-de-rosa) cobrem blocos mais sólidos da paisagem com rosa pink. Essas folhas em falta nas copas estão todas caindo no chão né? Ficam dando passeio pra lá e pra cá levadas pelos ventos de agosto e pelas vassouras e sopradores da limpeza urbana.

Eu sou o Paulo, e neste momento eu estou nas vizinhanças da Escola Estadual Dr. Alarico Silveira, na Barra Funda. De pé, na Rua Lopes Chaves, de costas pra uma

assistência técnica de eletrodomésticos; alguns deles empilhados expostos atrás de um portão de grade enfeitado em cima com concertina e um catavento, feito com hélice de ventilador, sobre o muro. Partindo daqui, eu vou percorrer as ruas que ladeiam a escola, um percurso curtinho, enquanto olho, relato e faço comentários sobre as árvores que vou encontrar pelo caminho.

Eu recomendaria que você ouvisse esse áudio seguindo os meus passos e andando pelos mesmos lugares que eu. Eu estou propondo um AudioTour, afinal. Mas não para ver as mesmas coisas, inclusive é provável que você, pessoa que está ouvindo, passando pelos mesmos lugares, perceba coisas bem diferentes. As árvores mudam todo dia, só de lugar que elas não mudam, e olha lá. Enquanto crescem elas mudam sim, mudam a pose lentamente, mudam a forma do espaço que elas ocupam, e tem os ciclos sazonais também: flores, frutos, cai folha, nasce folha. São tantas transformações, e em cada transformação a árvore se reconfigura em todos os seus detalhes, e são tantos os fatores que interferem no crescimento delas e nos ciclos sazonais, que a aparência delas é muito difícil de prever no futuro, o mesmo eventual futuro em que você vai ouvir essa gravação e olhar essas mesmas árvores. Uma outra razão pela qual você provavelmente não vai ver exatamente o mesmo que eu vou contar aqui é porque olhos diferentes enxergam coisas diferentes também. Basta ter olhos e atenção para conseguir enxergar coisas únicas nas árvores, um pedacinho, um detalhe, uma forma que ninguém mais notou, e se notou, não foi do mesmo jeito que você, não

descreveria como você, nem representaria em um desenho como você, nem significaria esse encontro com esse aspecto da plantinha do mesmo jeito que você.

Aqui eu vou tentar apresentar verbalmente um pouco de como as plantas que eu estiver olhando vão se parecer aos meus olhos, vou falar as árvores que são também. A identificação da árvore é a ponta de um novelo, muito útil pra gente conseguir acoplar as nossas observações com as de outras pessoas que já observaram árvores antes e as observam ainda hoje. Observando as árvores juntos, a gente vai preenchendo os lugares de impressões, e ao contrário, passando por elas achando que são todas a mesma coisa ou que estão sempre iguais, a gente esvazia os lugares, ficam mais vazios na cabeça da gente, menos ricos, menos vivos.

Eu vou começar a andar, então. Partindo da calçada da assistência técnica, eu vou atravessar a Rua Lopes Chaves, me encaminhando para a esquina onde tem um prédio alto, igual aqueles que aparecem em desenhos de arquitetos em panfletos anunciando a venda de apartamentos novos.

Na esquina à esquerda tem uma arvoreta, na calçada do condomínio. O tronco dela não é muito grosso não, tem o diâmetro um pouco maior do que os postes que servem de suporte às placas de sinalização. A copa dela vai se alargando feito um cone. Essa árvore é um aldrago. É uma espécie nativa da mata atlântica. Apesar dessa ser novinha, e, portanto, baixinha em comparação com o tamanho que uma dessas pode atingir, eu não consigo alcançar as folhas da copa dela com as mãos não, nem esticando os meus

braços pra cima. Eu posso só olhar. Como as folhas dela aparecem para você agora? Eu vejo um tanto de folhas amareladas entre o verde da copa, que ainda predomina na secura dessa época. Olhando os ramos por baixo, dá pra ver o desenho que eles formam junto com os cabinhos das folhas que neles se conectam: um cabinho pra um lado, um intervalo, outro cabinho pro outro lado, outro intervalo, um pra um lado, um pro outro, e assim por diante. Percebe que os ramos e os cabinhos juntos estão todos alinhados em planos mais ou menos horizontais? Entre as folhas, se você procurar com atenção, tem uns disquinhos que parecem de palha, com as bordas onduladas. Esses são os frutos do aldrago. Tem uma única semente achatada em cada um, no centro do disquinho. O disquinho, que é o próprio fruto, favorece a dispersão das sementes pelo vento. Agora, olha o tronco; primeiro mais no alto onde ele começa a se dividir em galhos. Aqui, ele é quase liso, não fosse por umas saliências em forma de tracinhos horizontais que recobrem ele, e mais pra perto do chão, essa crosta lisa vai se fragmentando aos poucos. Começa com uma rachadura aqui, outra ali, e vai descendo, elas vão se multiplicando e ficando mais largas, até que perto do pé da árvore, tem só um monte de cacos com forma irregular com a mesma cor da casca lá em cima recobrendo apenas parcialmente uma camada mais inferior do tronco, mais amarelada, quase alaranjada em umas partes. Essas placas irregulares um tanto esparsas, se segurando sobre uma superfície colorida de tons terrosos amarelos e alaranjados, são bem características nos aldragos.

Agora, eu me dirijo até o vértice da esquina e me volto para a rua Dr. Sérgio Meira, olhando na direção da escola. Observo, especialmente, a vegetação. Note que ela é mais densa do lado esquerdo, lá na frente, perto da escola. São as árvores da escola mesmo. A gente ainda vai chegar lá. À minha esquerda, os prédios grandões do condomínio residencial, desses que dia após dia se multiplicam pela Barra Funda.

À minha direita, do outro lado da rua, um predinho mais antigo, charmoso, com a fachada coberta de trepadeiras lenhosas que chamam unha-de-gato, talvez por que elas sobem e se agarram nas paredes. Abaixo delas, umas moitas de uma outra plantinha que chamam coroa-de-cristo. Se você for lá perto, eu não vou agora, talvez você entenda esse nome. Também são chamadas de eu-e-tu, um nome fofo, que talvez faça sentido pra você também, quando observar as florzinhas dela em vermelho vivo, que dão em pares.

Na calçada em que estamos, à frente, tem outra arvorezinha, do mesmo tipo que a última que encontramos. É outro aldrago novinho, tronco fino, forma de cone com a base virada para cima. Esse é tão novinho que mal se encontram as características rachaduras na casca do seu tronco.

Na frente do prédio, à esquerda, tem alguns canteiros cheios de uns paisagismos que acho bem cafonas: um monte de espécies exóticas esculpidas geometricamente, pouca sombra, sem estrutura pra circulação de pessoas entre as plantas. É como um quadro numa sala de espera

do dentista, estrategicamente confeccionado por um agente único e com um certo tipo de harmonia feita para apaziguar a vista. É composto de canteiros gramados, com a grama aparadinha na régua, guarnecidos ao redor por pingos-de-ouro, com o verde amarelado vivo que eles têm, esses aqui com a forma bem conformadinha na tesoura. Atrás de uma grade, uma palmeira-triângulo, lá no fundo, com o verde pálido esbranquiçado delas. No meio do gramado, um junipero kaizuka, que é esse pinheirinho tipo de árvore-de-natal que cresce meio que espiralando para cima. Ele está cercado por umas plantinhas de flores vermelho alaranjado, são ixoras-chinesas. No meio do gramado que fica mais adiante, uma série de touceiras de palmeiras com troncos fininhos. São arecas-bambu. Elas crescem assim mesmo, com vários troncos que partem de um mesmo ponto no chão. Esses troncos fininhos, apesar de serem curvos, lembram bambu um pouco né? Por isso o nome. Lá dentro, atrás de outra grade, antes do canteiro das arecas, tem uma arvorezinha com flores a maioria cor-de-rosa, e algumas brancas. Essa é um manacá-da-serra. Além das flores, dá pra ver nesse momento um monte de estruturazinhas pequeninas verde claro e com forma de taça, distribuídas por toda a copa. São os frutos dele, ex-flores, e que agora estão amadurecendo. Nos limites dos gramados, nos fundos e nas laterais tem umas moitas de umas gramíneas variegadas e módulos geométricos vegetais. Nesses, o formato espontâneo natural das plantinhas é completamente descaracterizado: tem uns de tumbérgia arbustiva, com as flores roxo púrpura do

miolinho amarelo, um de bambu, e um de murta-de-cheiro na lateral direita do último canteiro. Pra mim, esse modelo de paisagismo está meio na contramão do que o projeto do qual esse AudioTour faz parte pretende averiguar e somar, o território. O território, pra mim, é justamente esse espaço que se conforma a partir da comunidade, em que as coisas tomam forma a partir de muitos fatores e agentes locais que se dispõe a deixar-se atravessar um pela convivência com o outro. As árvores na cidade em geral, pra mim, costumam refletir essa multiplicidade de tendências e de pessoas que, cada uma do seu jeito, em conjunto vão compondo a cara dos lugares. Mas paisagismos como esse me parecem sempre iguais, uniformes, em todos os incontáveis condomínios de prédios residenciais por toda a cidade. Parece que eles representam mais um certo padrão de consumo do que os lugares onde eles se instalam. São bolhas, fortalezas de um questionável bom gosto, protegidos por placas de proibição, seguranças e jardineiros contratados para mantê-los sempre iguais, pra podar o dinamismo espontâneo da vegetação em interação com o resto do ambiente urbano, impermeáveis à riqueza que brota da diversidade ao redor. É essa riqueza que eu estou atrás de perceber, quando eu me proponho a conversar sobre as árvores desse pedaço aqui com vocês.

Ainda em frente ao prédio, mas agora na calçada, tem uma outra arvrinha, com as folhas grossas feito couro, lisas, estão cobertas pela poeira fininha da cidade que esconde o quanto elas são lustrosas. São umas folhas em formato de gota. Gota, eu digo tipo o formato da cabeça do Zé Gotinha.

Ela está cercada de coroas-de-cristo. É um pé de araçá. Acho que é araçá-vermelho. Quando ela der frutos, talvez você possa confirmar isso para mim. São frutos vermelhos, suculentos e deliciosos, eu posso te assegurar. Ela é baixinha também, a copa densa e as plantas espinhudas cerradas ao redor dela escondem o tronco, mas se você encontrar uma brecha, vai conseguir observá-lo. É liso feito um tronco de goiabeira, e coberto de manchas que lembram a estampa de camuflagem da calça de soldado, mas em tons diferentes, mais claros.

[A partir daqui, o roteiro vai virando cada vez mais um rascunho.]

Duas patas-de-vaca com flores cor-de-rosa e frutos, vagens pendendo, uma dentro do condomínio, outra dentro da escola, de longe um salpicado bagunçado de cores

Amoreira, do outro lado da rua, com a copa rala pendendo pra um lado só sobre a via, marcas de uma poda recente que removeu galhos do calibre do tronco dos aldragos novinhos que a gente viu mais cedo, a aparência é a de um toco de madeira fresca cortado mas pra árvore é uma ferida né? Por essa secção que agora está exposta, passava um monte de água, sais minerais e seiva que o galho que foi cortado trocava com o resto da árvore. Vai cicatrizar, pode infeccionar, muita coisa análoga com uma lesão em um bicho animal.

Seus galhos, muito entrelaçados, como se fossem várias serpentes dançando, mas sem se tocarem, separados

por uma distância de poucos centímetros, a maioria deles não se encosta, como se cada um tivesse descoberto o seu caminho durante o crescimento sem cruzar o caminho dos demais.

Está florindo, é época. As inflorescências dela lembram as próprias amoras, são tipo umas amoras cabeludinhas grisalhas, recobertas por uns filamentos brancos curvadinhos. De cada uma das futuras baguinhas que vão compor a fruta amora, saem acho que uns dois desses filamentos.

Atravesso a rua de volta para a calçada da escola.

Dois ipês-roxos grandões, flores tubulares com o interior peludinho. Imagina pro bichinho que poliniza elas, um túnel. O chão forrado de folhas secas de ipês, um reto, outro torto.

[e acaba aqui]

Figura 8 — Fim



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Caminhos para a interdisciplinaridade no ensino da arte.

Thayna Teixeira Mendes

A seguinte pesquisa busca catalogar e analisar criticamente os arredores da escola estadual Dr. Alarico Silveira, localizada na Rua Conselheiro Brotero, no bairro da Barra Funda - São Paulo. Ao utilizar métodos como anotações e observações, o percurso de estudo será dado a partir de leituras poéticas do que foi documentado durante uma visita de campo ao local, além de entrevistas com educadores que fazem parte da unidade escolar.

A exploração foi iniciada de carro a partir do Instituto de Artes - Unesp até a Rua Conselheiro Brotero no dia 11 de novembro de 2024, por volta das 14h00. Ao chegarmos no local nos deparamos inicialmente com o muro que separa a rua, dos trilhos do trem que por ali passam. Adentrando a rua da escola um bar foi encontrado rapidamente.

Ao passar pelo muro, logo foi possível avistar a escola, surgindo em meio a algumas árvores e plantas, com sua fachada repleta de sacos de lixo. Aquele provavelmente foi um dia atípico, devido a prova que estava sendo realizada em todas as escolas estaduais da rede, o que pode ter auxiliado nesse aumento de sacos de lixo espalhados. Pois

em visitas posteriores não haviam sacos de lixo espalhados na calçada.

Figura 1 — Elementos da Fachada da Escola



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Coexistindo com a calçada da escola, existem pontos específicos que chamam a atenção no local, sendo esses a presença de bancos. Como pudemos observar, esses bancos eram usados por moradores e crianças que por ali passavam. O que faz com que o território escolar se integre de modo mais coeso com o ambiente que o cerca, devido a possibilidade de permanência dentro do seu espaço. O banco é um convite à permanência, à troca de experiência e ao simples relaxamento. A escola não seria somente um local de passagem, mas também de trocas.

Trocas essas que são muito caras para a nossa pesquisa, que foge um pouco ao ensino da arte lecionado somente pelo arte educador, e sim busca de forma integrada as relações interdisciplinares que as linguagens artísticas podem proporcionar dentro do ambiente escolar.

Porém antes de adentrar aos diversos resultados que a pesquisa apresentou, irei primeiro contextualizar sobre a situação na qual os estudantes e professores estavam lidando diariamente, durante o período de aprofundamento da pesquisa, aliado as entrevistas e conversas com os educadores da Dr. Alarico Silveira.

A escola fica próxima a última comunidade na região central de São Paulo, chamada Favela do Moinho, localizado nos Campos Elísios - bairro próximo a Barra Funda e Luz, em que durante os meses de Abril e Maio de 2025, seus moradores sofreram com o desapropriação de suas casas, para o que seria, segundo a prefeitura, a criação de um parque. Com as ações da prefeitura foi inevitável que a escola fosse afetada, devido a proximidade com o local e a presença de estudantes que moram na comunidade.

Figura 2 — Protestos contra a remoção da favela do moinho



Fonte: Robichez e Santos, 2025.

Com a contextualização de como estava a escola durante o momento das entrevistas, daremos início a apresentação dos 6 educadores que estiveram dispostos a dialogar sobre as relações entre território, escola e arte, mesmo que fora do escopo de suas disciplinas.

ESCOLA, TERRITÓRIO E ARTE

Segundo a BNCC, o ensino interdisciplinar é fundamental para o desenvolvimento mais pleno do estudante, evitando que o conhecimento se dê de modo fragmentário e inarticulado. Em um mundo ideal todos os professores teriam tempo e material hábil para desenvolver plenamente o conteúdo de sua disciplina em conjunto e dialogar com os professores de outros campos, criando projetos coesos e aulas que se complementam. O que não acontece. “[...] nosso tempo e o currículo são muito apertados. Fala-se muito em interdisciplinaridade, mas temos pouco espaço para concretizá-la de fato.”¹⁵

Contudo, veremos relatos de educadores que, dentro de suas possibilidades, procuram trabalhar diversas linguagens com os estudantes. Para isso daremos início com projetos e aulas que utilizaram as Artes Visuais, como desenho, pintura, escultura, bordado entre outras para proporcionar diferentes experiências unindo suas disciplinas com técnicas artísticas.

Em conversa com o Profº Matheus, responsável pelas aulas de Ciências e Biologia, foram apontados pontos importantes para entender como eram os estudantes da Dr. Alarico Silveira. Ele comentou sobre o perfil socioeconômico plural que a escola possui, tendo pessoas em situação de alta vulnerabilidade e outras já mais estabilizadas economicamente. Argumento complementado pelo Profº Jailton, que diz que alguns estudantes que passam por

¹⁵ Trecho da entrevista concedida pelo Profº Vitor, em maio de 2025.

situações de carência e sofrem sem um apoio familiar possuem comportamentos diferentes de estudantes que possuem estabilidade.

O que nos leva a pensar em como o território afeta cada pessoa individualmente. Uma criança ou adolescente que está passando por uma situação de desalojamento traz angústias e medos que os afetam física e psicologicamente, e que muitas vezes é apresentado na escola seja por comportamentos inadequados, segundo o professor, nas interações sociais ou pela dificuldade no aprendizado.

Durante as aulas de Projeto de Vida também lecionadas pelo profº Matheus, segundo o mesmo são abordados as de moradia, aluguel e planos de carreira, no qual ele acaba falando sobre a carreira de artista, suas possibilidades fora do desenho. No entanto, de acordo com o mesmo, o interesse dos estudantes é notável durante as aulas em que são necessários os desenhos de esquema.

Eu percebo que eles têm um desejo muito grande, se eu for ver, com desenho. Desenho mesmo. Porque, quando eu peço para fazer esquemas, eu falo: 'Ah, desenha um peixe, desenha a parte interna do peixe', tem alunos que são excelentes, já. [...] eu incentivo. Eu falo assim: 'Ah, continua desenhando, que é importante desenhar e tal'. E, às vezes, a gente fala muito sobre projeto de vida. Então, eu acabo comentando sobre carreira de artista. E que ela existe, que ela é possível, e que não é só desenho também, tem outras coisas. Então, eu acabo conversando bastante, mesmo não sendo da área. Mas a gente acaba transpassando, assim,

porque falamos sobre desenho. A gente desenha muitos esquemas de laboratório.[...] Às vezes, eu acabo falando: 'Ah, tem a faculdade aqui do lado, vai lá dar uma olhada, entra lá, que é público...' Já cheguei a mandar algumas crianças para lá, porque conheço o bairro, moro aqui há muitos anos.[...]¹⁶

A participação do Instituto de Artes-UNESP, universidade próxima a escola, a qual o profº Matheus cita é de extrema importância para o desenvolvimento de um ensino público de qualidade, ao desdobramento de uma educação plena, que não utilize a escola somente como um laboratório para a elaboração de pesquisas, mas que atenda continuamente seu território. Esse diálogo contínuo foi cobrado pelo professor de geografia da Dr. Alarico Silveira Profº Me Vitor, mestre pela Universidade Federal do Espírito Santo, cita a oposição entre o estudo teórico sobre educação e o efetivo exercício da profissão de educador.

É bom saber que vocês estão aqui. É muito legal fazer essas parcerias com as universidades. Às vezes sinto falta disso também.[...] Porque, na academia, muitas vezes a gente vive em um mundo à parte, numa realidade meio paralela. A gente pensa, fala e discute muita coisa, mas, quando chega aqui na escola, é um choque de realidade¹⁷

Ainda em conversa com o profº Vitor, ele conta sobre a relevância do território para o ensino da geografia, relata

¹⁶ Trecho da entrevista concedida pelo Profº Matheus, em maio de 2025.

¹⁷ Trecho da entrevista concedida pelo Profº Matheus, em maio de 2025.

que iriam inclusive fazer uma aula no qual a proposta é arrodar o espaço da escola, estudando sua paisagem com a atividade muito provavelmente lidariam com a dicotomia presente na escola, que é um reflexo do seu exterior. Com pequenas vilas e casinhas que remete a um tempo passado, comércios diversos são entrecortados pela dura realidade da grande São Paulo e o excesso de pessoas em situação de rua.

A quadra é formada por três ruas distintas, na qual o que seria a quarta rua é o caminho no qual o trem passa.

Figura 3 — Viela



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Formando um U no qual as laterais partindo da escola, são respectivamente a entrada e o local no qual se localizam os assentamentos, junto de um galpão de objetos cenográficos. Paralelamente ao trilho do trem encontramos a diferença em um prédio de luxo cercado por elementos tradicionais do bairro.

Em um local rodeado por arte, quais as relações que a escola oferece entre os estudantes e seu meio? A possibilidade de estudos do teatro com o Bar Oficina e o galpão com objetos cenográficos abre um grande leque para estudos pedagógicos. Não somente o bairro da Barra Funda é ricamente rodeado de teatros e centros culturais, como museus, mas toda a área que a circunda, facilitando o acesso da escola a esses ambientes.

Os professores estão cientes desses locais e já promoveram e pretendem promover visitas técnicas a esses lugares. Um dos educadores que mais foi citado sobre sua proatividade em oferecer oportunidades para os estudantes conheceram ambientes culturais, foi o professor de Matemática e ator Osmar. Ele contou em entrevista sobre sua experiência nos 15 anos em que trabalhou na escola Dr. Alarico Silveira, e principalmente como utilizou o teatro e as inúmeras possibilidades que os arredores o permitiam para poder apresentar diferentes abordagens de arte para os estudantes.

Eu cuidava de uma parte de formação de público lá no teatro, e no teatro a gente tinha um projeto moradores do bairro em torno da escola, do teatro, na verdade, e a gente precisava levar plateia para o teatro, e aí eu era professor, então

eu trabalhei com esse link, eu levava a escola para o teatro , então eu recebia esse público, então eu acabei cuidando do projeto de formação de público, já pensando em território, tanto para a escola quanto para o teatro¹⁸.

Mesmo que atualmente a escola não tenha mais tantas saídas quanto tinham anteriormente, o Profº Osmar busca ainda levar o ensino da arte em diálogo com suas disciplinas. Como, por exemplo, no projeto em que ele está fazendo sobre String Art com os estudantes, no qual buscou levar as bordadeiras do grupo, Linhas de Sampa, para ter uma conversa em sala. Criando relações para além dos muros da escola por meio da arte.

Figura 4 — String Art realizada pelos estudantes da E.E. Dr. Alarico Silveira



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

¹⁸ Trecho da entrevista concedida pelo Profº Osmar, em maio de 2025.

Como visto, a arte se faz presente em diferentes diálogos com disciplinas que fogem do escopo geralmente reservado para o ensino formal das artes plásticas, teatro, dança e música. O que permite uma infinidade de abordagens como a que ele propôs em sua fala sobre experiências passadas e presentes.

Os arroleamentos possibilitaram a formulação de diferentes questões acerca dos estudos dos ambientes que circundam a escola. A presença das artes visuais é notável por ser um local repleto de grafites e desenhos, a abundância de companhias de teatro também é observada. Contudo, e a música? Como seria abordado o ensino da música, dentro da escola e fora da grade diretamente relacionada às artes?

Fora da escola ouvimos: o agudo piar do bem-te-vi, os sons metálicos do trem, o abafado motor dos carros, o quicar incessante da bola, a briga das crianças, a conversa dos pedestres, a máquina de corte soa ao fundo acompanhada do pagar a areia da pá, o arrastar do balde, o som da limpeza, o contínuo caminho do rio que percorre as entranhas da rua. E, em meio a essa cacofonia, surge um colosso discreto chamado E.E. Dr. Alarico Silveira.

É possível uma escola falar? - Em diálogo com a professora de língua portuguesa, Renata, em um ambiente totalmente coerente com a proposta, sendo esse ao caminharmos na rua, foi possível visualizar uma proposta que elabora relações entre a escola, as experiências/vivências e a música.

A prof^a Renata compartilhou sobre experiências na escola, nas quais os estudantes visitaram diferentes museus, como o Museu do Futebol, e realizaram projetos em conjunto com a Casa Mário de Andrade, ambos em regiões consideradas próximas à escola. Contudo uma proposta que realizou com os estudantes em sala de aula, foi um dos pontos que mais chamou a atenção, não só pela interdisciplinaridade como também pela utilização de referências próprias e comuns aos estudantes, por apresentar diferentes perspectivas sobre música, história e língua portuguesa.

O que eu fiz foi trabalhar duas coisas: Cazuza e Legião Urbana. Com Cazuza, usei a música *Brasil*, que é a abertura da novela *Vale Tudo*. Então, eu contextualizei e passei um pequeno documentário sobre a década de 80. Mostrei a abertura da novela daquela época e depois a abertura atual, porque a maioria dos alunos assiste novelas, embora eles assistam mais TikTok hoje em dia.[...] Com isso, eles fizeram uma análise da música *Brasil*, entendendo que por trás dessa música há um contexto histórico, uma história toda. E aproveitei para trabalhar também com a música da Legião Urbana. Para minha surpresa, eles não conheciam a banda. Alguns conheciam uma música ou outra, mas a maioria não sabia quem era Legião Urbana. Eu fiquei surpresa com isso! Então, pedi para que eles trouxessem músicas deles, que talvez eu não conhecesse. Foi aí que me apresentaram uma música do Unca, que eu nunca tinha ouvido, e também uma do Puma. A gente ouviu as músicas, fez um paralelo, e até conseguimos conectar uma das músicas

deles com Legião Urbana. São tempos diferentes, coisas bem diferentes, mas deu super certo!¹⁹

Assim como a Prof^a Renata utilizou do saber do estudante em diálogo com a aula, a Prof^a Muriel narra as dificuldades que estão presentes no ensino não somente na Escola Dr. Alarico Silveira, como também em outras regiões. Nos permite visualizar como o ambiente de convívio desses estudantes e professores afeta e penetra no ensino.

Durante as conversas e idas à escola foi apresentada pelo professor Osmar, uma professora que há pouco tinha ingressado na Alarico, com a função de lecionar no projeto ProArte, voltado ao ensino de tecnologias usando plataformas já pré selecionadas do governo. A Prof^a Muriel, sendo uma mulher trans e nordestina, conta não somente sua experiência dentro das artes, em especial do teatro, mas também a influência do território e das vivências dos estudantes quando confrontados com propostas que o forcem a lidar com questões sociais e artísticas.

Contudo, sua atuação na Dr. Alarico Silveira está voltada para a área de tecnologia, e quando questionada sobre a possibilidade do ensino da arte aliada aos programas tecnológicos, nega qualquer iniciativa do sistema a favor desse possível projeto. “A atuação aqui é muito burocrática, voltada para a tecnologia.[...] A arte aparece apenas como uma tarefa qualquer para o aluno fazer. Diferente de matemática, português ou inglês, que têm suas plataformas.”²⁰

¹⁹ Trecho da entrevista concedida pela Prof^a Renata, em maio de 2025.

²⁰ Trecho da entrevista concedida pela Prof^a Muriel, em maio de 2025.

Com isso é possível notar um certo descaso do governo em relação ao ensino da arte, que como vimos ao longo da conversa, é capaz de auxiliar e potencializar o ensino em diferentes disciplinas além de ser uma linguagem necessária para o desenvolvimento pleno de um cidadão.

Não banalize a arte. Acho que, quando temos consciência de que existem todas as linguagens em todos os territórios, devemos abraçá-las como ferramentas de desenvolvimento humano. A arte liberta. Sempre digo que fui libertada pela arte. Eu venho do meio do mato, no interior de Alagoas. Nasci literalmente numa fazenda, com parteira. Sempre quis estudar, e a arte me salvou. O teatro me salvou. Vim para São Paulo estudar.

E é isso: não banalizar o que temos no nosso território. Tudo tem sua importância. Claro que o território sempre vai gritar. Sempre vai haver uma linguagem que grita mais. Acho que temos que descobrir quais são essas linguagens que estão gritando nos territórios²¹.

O BURACO

A exploração dos arredores da escola, e subsequentes entrevistas, abriram portas para a leitura poética e um modo de expressão plástica dos pequenos meandros e analogias que rodeiam a escola, sendo feita a escolha dos buracos que permeiam a calçada, os muros e escadas, e apresenta uma infinidade de camadas para serem explorados.

²¹ Trecho da entrevista concedida pela Prof^a Muriel, em maio de 2025.

Símbolo da abertura para o desconhecido: aquilo que desemboca no outro lado (o além, em relação ao concreto) ou que desemboca no oculto (o além, em relação ao aparente)[...] O buraco permite que uma linha passe através de outra linha (coordenadas do plano dimensional)[...] No plano do imaginário, o buraco é mais rico de significado que o simples vazio: é repleto de todas as potencialidades daquilo que o preencheria ou que passaria por sua abertura; é como a espera ou a súbita revelação de uma presença.²²

O que levou a decisão de conversar com professores não relacionados diretamente ao ensino da arte foi analisar e registrar como a arte se infiltra e contagia ambientes e aulas tão distintas. A semelhança com um buraco que apresenta uma infinidade de possibilidades e camadas, é o que particularmente mais se assemelha a visão do que seria a escola, que sem o orgânico, professores, estudantes, funcionários - aqui representada pelos buracos plurais - seria somente um conjunto de concreto, argamassa e tijolos.

²²Fonte: <https://sites.google.com/view/dicionariodesimbolos/buraco>

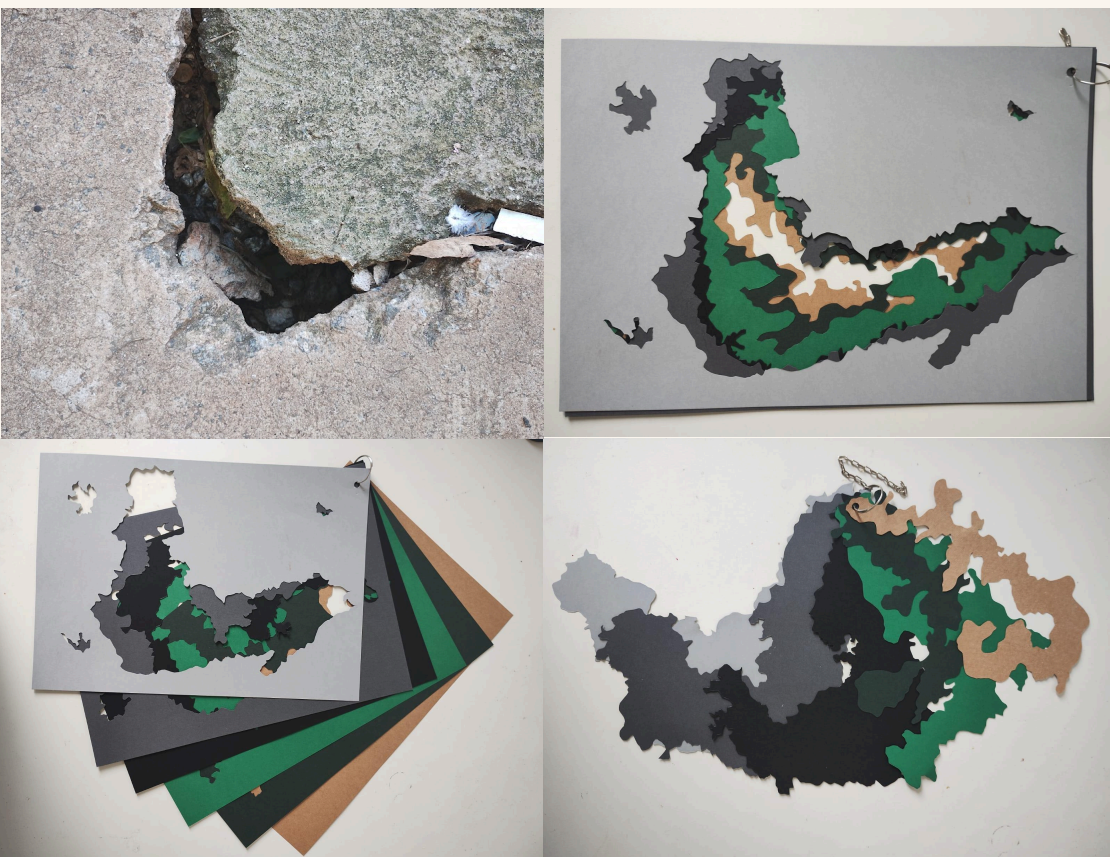
Figura 5 — Buracos



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Por meio de recortes no papel seguindo o formato de um dos buracos presentes na rua de frente à escola Dr. Alarico Silveira, foi formada a proposta poética sobre toda a experiência durante os arrodos. Com uma obra mutável, no qual cada camada é diferente da anterior e apresenta novos cortes e junções, busco mostrar a pluralidade de leituras que não só o objeto como também o próprio local nos permite explorar.

Figura 6 —Comparação entre buraco na calçada e projeto plástico.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Referências

ROBICHEZ, Adele; SANTOS, Kaique. Remoção da Favela Moinha em SP é desumana e pode deixar famílias na rua, alerta pesquisadora: a movimentação dos tratores surpreendeu a comunidade, que tinha negociações em curso com o governo estadual. **Brasil de Fato: uma visão popular do Brasil e do mundo**. 13 de maio 2025.

Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2025/05/13/remocao-da-favela-do-moinho-em-sp-e-desumana-e-pode-deixar-familias-na-rua-alerta-pesquisadora/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

ARAUJO, Matheus. **Entrevista sobre ensino da arte e territorialidade**. MENDES, Thayna. Maio, 2025.

GOULART, Vitor. **Entrevista sobre ensino da arte e territorialidade**. MENDES, Thayna. Maio, 2025.

GUERRA, Osmar. **Entrevista sobre ensino da arte e territorialidade**. MENDES, Thayna. Maio, 2025.

PETRO, Renata. **Entrevista sobre ensino da arte e territorialidade**. MENDES, Thayna. Maio, 2025.

SILVA, Jailton. **Entrevista sobre ensino da arte e territorialidade**. MENDES, Thayna. Maio, 2025

SILVA, Muriel. **Entrevista sobre ensino da arte e territorialidade**. MENDES, Thayna. Maio, 2025



E. E. PROF. FIDELINO DE FIGUEIREDO



A rua

tá conversando comigo

o tempo

todo,

O que eu comunico para o mundo

Beatriz Petroni

Hoje é 13 de setembro de 2025, sábado. São Paulo. Relato aqui uma experiência que ocorreu exatamente há 14 dias, em 30 de agosto, sábado também. Decido contar de forma presente, para que eu mesma retorne ao passado e deixe minhas impressões mais reais e menos saudosistas.

São 11h na estação Santa Cecília. Em companhia de mais duas pessoas — Victoria e Elber —, saio a caminho da Escola Estadual Professor Fidelino Figueiredo, localizada na rua Imaculada Conceição, o que leva à uma caminhada de menos de 10 minutos. Talvez pelo teor de observação do passeio, mesmo antes de chegar ao destino me percebo reparando mais atentamente nas coisas, mas sempre acordada para a rápida caminhada de Victoria que guia e das ruas pelas quais atravessamos. Quando atravessamos todo dia uma rua, essa tarefa se torna fácil a ponto de que nem pensamos tanto — já sabemos todos os lados de que vem carros, paramos o tempo exatamente **necessário** até podermos atravessar. Mas em um novo lugar, prestamos bem mais atenção, até entender para quais direções é realmente importante olhar. Isso leva mais tempo, por vezes até esperamos a iniciativa de alguém desconhecido cruzar a calçada para seguirmos.

Ainda não é tempo de mapear, então, seguimos até a escola de forma objetiva, com essas pequenas paradas entre uma calçada e outra. Ao chegar em uma das esquinas da rua Imaculada, por ser oposta ao muro da escola, já consigo ver: azul, desenhado, mais ou menos baixo e bonito. Não recordo bem os desenhos, mas lembro que me surpreendi com o tamanho do lugar visto assim de fora, pois era menor do que eu imaginava e por algum motivo isso me deixou mais tranquila. Paramos em frente a ele para escutar as instruções de Victoria.

Eu ainda não havia decidido a minha forma de mapear, mas já tinha algumas ideias. Abro a minha bolsa para tirar a cybershot que sempre anda comigo e testar. Tiro a primeira foto: a placa com o nome da rua. A segunda: gatinho que aparece despretensiosamente na janela de uma casa — deixando os três encantados. A terceira: interfone no muro da mesma casa e a quarta: cartaz bonito ao lado divulgando festa reggae. Penso que preciso ter um **filtro** — na verdade, gostaria de criar um para seguir mapeando — e resolvo focar em cartazes e placas que **comunicam alguma coisa**, assim como os interfones e campainhas. Dessa forma, as próximas fotos são destinadas a esses elementos.

Ter uma pessoa nos guiando nas possibilidades é um trunfo, ainda mais alguém que já realizou alguns mapeamentos. Assim, pelas sugestões dela e também a partir de nossas vontades, adentramos alguns lugares: café, restaurante, galeria, loja de discos — o que também

possibilita meias interações com pessoas, mini cachorrinhos, passarinhos e peixes beta.

Percebo que os meus registros destinam-se principalmente à parte de fora dos lugares, à rua, mas não deixo de fotografar algumas poucas comunicações de dentro.

Após 1h30 nessa função, paramos pra comer — o que também é mapear. Um restaurante/bar de esquina bem à nossa frente chama a atenção e vamos nele. Cada um pede algo diferente (eu mesma trago comigo uma marmita) e percebo que, por mais que o intuito seja mapear as ruas e lugares físicos em torno da escola, acabo por trazer na lembrança também as **pessoas**, as que passam e as que são companhia nisso tudo.

De certa forma, o mapeamento também está nas experiências e conversas ao registrar a rua, está no feijão muito saboroso desse lugar e na comida que sobra e é compartilhada e também em reparar no gosto/jeito de ser de quem acompanha. Assim, penso que deve ser muito diferente mapear estando só, porque aí sim se presta atenção “somente” à rua, mas tendo pessoas com você — na mesma função ou não —, é impossível **separar na memória**. Nas fotos não tenho elas, mas na lembrança eu não estava só, então concluo que após mapear temos 2 registros: o escolhido — foto, áudio, texto, lixos — e a memória. E de certa forma é impossível que existam separados, porque as minhas fotos não significam nada se não lembro o contexto delas.

Para além desse pensamento de agora, tem algo mais que quero dizer: ao escolher fotografar as comunicações, eu me detive àquelas que são escritas, mas penso que quase **tudo comunica de formas diferentes**.

Figura 1 — Cartaz Festa Reggae | Figura 2 — Gatinho na Janela



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

O que não comunica nada? Quando algo deixa de comunicar qualquer coisa? São perguntas que rodam minha cabeça após as fotos. Assim como os cartazes e placas, os dispositivos de campainha e interfone também foram criados para exercer nossa comunicação — eu diria que pra facilitá-las. A rua tá conversando comigo o tempo todo, mas eu presto atenção ao que quero — ou ao que não tenho escolha, como uma briga, um estrondo, ou algo gigantesco e colorido. Eu diria que o cartaz é o tipo de comunicação que se **resolve olhar ou não** — que se escolhe — assim como se resolve ou não tocar uma campainha para

se comunicar com alguém lá de dentro, ou mesmo pra saber se tem alguém em casa.

Figura 3 — Campainha?



Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Pensando no teatro, a cena mostra a vida: tudo o que está em cena comunica alguma coisa pra quem assiste, mesmo que comunique que isso não faz sentido. Cabe ao

olhar e escuta atenta do público e do artista perceber, assim como aos outros sentidos. Cabe mesmo à desatenção, ao desinteresse, à **capacidade** — é impossível que alguém perceba e deixe se comunicar por **tudo à sua volta**. Ao mesmo tempo, não perceber cada coisa é indicador, podendo ser TANTAS possibilidades disso, sendo cada uma delas um motivo comunicador. E tenho certeza de que as coisas que não percebemos, que não nos comunicam nada, são em muito mais quantidade das que nos comunicam. Penso: quantos cartazes eu deixei de fotografar — ou porque não vi, ou porque não quis, ou pelos quais nem ao menos passei perto? Inevitavelmente muito mais do que fotografei.

O que nos resta é conhecer

Elber Aquino

A **Escola Estadual Professor Fidelino de Figueiredo** se encontra na região da Santa Cecília. Pessoalmente, conheço pouco a região, mas, ao visitar os arredores, o que me chamou mais atenção foi a quantidade de estabelecimentos como comércios, restaurantes, pet shops e outros tipos de serviços. Junto disso, percebi que essa área é bem movimentada, uma face que não tinha presenciado nas idas à Santa Cecília que tive anteriormente.

Admito que antes tinha alguns preconceitos relacionados à região, que possui a marca de ser um lugar perigoso, onde ocorrem muitos assaltos e crimes. Da mesma forma que, nas outras vezes que passei pela Santa Cecília, criei a impressão que era uma área muito vazia, com poucas pessoas nas ruas. Porém, ao ver esse movimento, essas minhas noções se modificaram um pouco e estava mais tranquilo para o mapeamento.

Junto a **Victoria Rapace** e **Beatriz Petroni**, começamos o mapeamento em frente ao portão da escola. Posteriormente, **Natallia Marazim** completou o grupo.

A **câmera do celular** seria minha ferramenta para os registros da caminhada ao longo dos entornos da E.E. Prof. Fidelino de Figueiredo. Estava com dúvidas do que poderia captar, então, comecei com elementos arquitetônicos que chamasse minha atenção.

Figura 1 — Fotos de elementos visuais arquitetônicos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Conforme caminhava, novos objetos passaram a chamar o meu olhar: propriamente, o **lixo**. Eu não tenho ciência se sábado é o dia de coleta do lixo na região, mas a quantidade de lixo na rua era parte importante para a sua composição visual.

Não me leve a mal, não é uma crítica à Santa Cecília. Lixos são resíduos gerados de nossa presença no mundo. Dada essa situação, quis colocar à prova uma possibilidade que guardava em minha memória há um tempo, em que é

possível descobrir muito sobre alguém apenas observando sua lixeira, pois, com isso, descubro o que ela consumiu, utilizou e fez durante seu dia. Assim, começa a ideia de conhecer a Santa Cecília através de seus **restos**.

As primeiras constatações que obtive em meio a esse processo foi a grande quantidade de embalagens de marmitex, copos descartáveis, lenços, além de embalagens plásticas de alimentos ultraprocessados. Tudo isso corrobora para o que havia citado acima no texto, que a região é bem movimentada e abastecida de comércio.

Figura 2 — Fotos de lixo urbano na Santa Cecília



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Mas, mais do que essa questão comercial, o lixo nos dá dicas ou sugestões do que é a região, quem a habita, e o do que gostam. Uma questão é que nos lixos próximos à escola, vamos mais embalagens de balas, chocolates e chips do que em áreas mais distantes. Da mesma forma que encontra-se mais caixas de cigarros quanto mais se aproxima da região da República. No fim, são sugestões que nos ajudam a pensar no perfil dos moradores e das pessoas que transitam por esse espaço.

Em seguida, pode-se dizer que as lixeiras, ou qualquer local voltado formalmente para servir de coleta de lixo, é uma necessidade para o bem-estar do ambiente urbano. Isto é, em meio a esse processo de observação e registro, percebi que até os resíduos indevidamente jogados na rua possuem um padrão, ou uma característica que os aproxima, que se trata de uma **discrição**, ou seja, eles têm que ficar discretos, escondidos. Como se as pessoas, no momento de fazer o descarte de algo, buscassem “esconder” ou tornar pouco visível seus resíduos. Então, acabei presenciando que diversos buracos nas calçadas se tornavam lixeiras no final.

Figura 3 — Foto de buraco na rua funcionando como local de descarte



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Para concluir essa poética do lixo, reflito que os resíduos que produzimos são as nossas entregas mais imediatas à natureza. E é curioso perceber como, mesmo sendo um fardo para as pessoas, os lixos participam da composição visual urbana, habitam a paisagem e a alteram. Enquanto eles ficam nas ruas à espera do caminhão de coleta, nós dividimos o espaço com eles enquanto esperamos o ônibus para a nossa rotina.

Mapear o entorno da E.E. Prof. Fidelino de Figueiredo não foi apenas uma oportunidade de imergir na região da Santa Cecília, mas também reconfigurar minhas impressões e preconceitos sobre essa área e sobre o centro de São

Paulo no geral. Pois, realizando essa caminhada em grupo, vivências são compartilhadas, o olhar ganha confiança e explorar deixa de ser amedrontador.

Tentar conhecer um território a partir do que ele descarta também foi uma ótima proposição na minha visão. A cada visita, pode-se conhecer mais e mais, no entanto, o próprio território se reconfigura, pois novas histórias e questões surgem, novas pessoas passam a ocupá-lo e os lixos que estavam na rua na semana anterior, já não estão mais, outros estão em seu lugar, produzindo um **ciclo**.

Se deixar afetar pelo território

Lucas Abrão da Silva

Dos preparativos para adentrar o território

Quando me mudei para São Paulo, meus pais e meus amigos viviam me dizendo que São Paulo era uma cidade muito perigosa e que eu deveria sempre tomar muito cuidado nos meus trajetos. Isso me colocou em um estado de pânico tão grande que toda vez que eu ia para algum lugar minha maior preocupação era fazer as coisas o mais rápido possível, ficar o mínimo de tempo na rua. Com isso, raramente prestava muita atenção ao meu entorno, as coisas passavam por mim quase em velocidade de metrô de tão rápido que eu andava.

Assim que entrei para o projeto de extensão EPUT (Escola Pública, Universidade e Território) percebi que realizar os mapeamentos seria um certo desafio. Já não tinha tanto medo de andar nas ruas de São Paulo, mas velhos hábitos morrem devagar. Olhar para uma região minuciosamente parecia uma habilidade difícil de conseguir.

Pensando nisso, passei a me munir dos referenciais teóricos que tivemos acesso antes da realização dos mapeamentos. Com eles, consegui construir um repertório de como analisar esses momentos, principalmente posteriormente. Pensando nisso, dividi esse texto em dois momentos principais: o primeiro em que narro minhas

experiências de mapeamento em primeira pessoa, focando na minha experiência em campo; e o segundo no qual tento pensar a respeito de como essa experiência afetou minha prática educativa.

Das impressões do mapeamento e de seus processos

Quando desci pela primeira vez na estação Marechal a caminho da Escola Estadual Professor Fidelino de Figueiredo, eu havia optado por utilizar a técnica de **Deriva** estipulada por Guy Depord em 1958:

deslocar-se ou atuar normalmente em suas relações, trabalhos e entretenimentos próprios de si, para deixar-se levar pelas solicitações do terreno e os encontros que a ele corresponde. (Depord, 2007, p. 66)

Me deixei levar pelo tempo e por quão confortável eu estaria em realizar alguma atividade. Minha maior surpresa foi descobrir que eu havia passado bem perto da região, havia ido comprar um bolo em uma Casa de Bolos com meu namorado. Minha segunda ação foi reparar no muro da escola, acredito que as fachadas contam um tanto a respeito das escolas. A da Fidelino é extremamente bonita com uma pintura em estilo grafite na parede azul claro que se encontra reproduzida na página seguinte.

Figura 1: Fachada da escola



Fonte: foto do autor, 2025.

Era uma manhã de terça-feira na época de férias, o clima estava ameno e o céu aberto, havia um silêncio atípico, considerando que eu estava há três quadras do Minhocão. Havia também o som de passarinhos o que deu um climinha meio parecido com o bairro em que eu morava em São José do Rio Preto, no interior de São Paulo. Não demorou muito e comecei a ouvir um barulho de obra que se misturou ao som dos passarinhos, o que me lembrou da Barra Funda, onde moro em São Paulo.

A manhã estava tranquila e a movimentação era quase inexistente, havia uma certa sensação de liminaridade, um não-lugar entre dois estados, e também de voyeurismo, no sentido de estar vendo algo que não deveria ser visto, parecia que eu estava invadindo e

espiando. O que quebrava essa sensação era a presença de apostilas, embalagens que se encontravam presas entre a janela e uma rede na fachada da escola, dando uma camada de presença humana no lugar.

Figura 2: Janelas teladas da escola



Fonte: foto do autor, 2025.

A partir daí iniciei um processo de fotografar tudo que me chamasse a atenção na região imediata da escola. Como arte educador em formação, me pareceu sensato analisar o que **chamava o meu olhar**.

A região é bastante comercial, então há um grande esforço para chamar a atenção esteticamente. Seja por luzes

neon, cores chamativas, logos estilizados e ao mesmo tempo há também um certo contraste com os negócios locais, como um bar que fica na esquina da escola. Por conta disso, decidi me sentar nele e tomar um café.

Quando sai do bar, ouvi o som de alguém tocando piano, tentei registrar o som em uma tentativa falha, mas permaneci ali ouvindo até a pessoa parar. Isso marcou o fim do primeiro dia de mapeamento.

Nas vezes que se sucederam fui determinado a fotografar tudo que me chamasse a atenção enquanto artista, as pichações e grafites, azulejos que decoram as fachadas de algumas casas, comércios e calçadas.

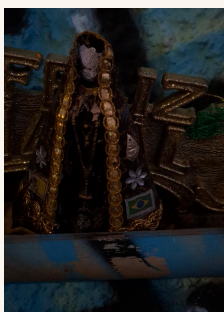
Figura 3: murais do bairro



Fonte: foto do autor, 2025.

Repeti esse processo algumas vezes, até que encontrei uma espécie de altar em um dos muros de um estacionamento, que aqui se encontra abaixo. Ele passou despercebido pois o muro continha muitos grafites e esse altar se escondia entre as imagens. Essa pequena demonstração me lembrou dos momentos em que aconteciam procissões em Rio Preto, em que as pessoas que cediam uma parada em suas casas montavam um pequeno altar momentâneo na calçada, que tinha que ser muito bem decorado.

Figura 4: Altar na parede



Fonte: foto do autor, 2025.

Isso me fez lembrar que **os lugares são alterados pelas pessoas que o frequentam**. A manifestação cultural visual não se encontra somente nas imagens realizadas com intuito pictórico como é o caso dos grafites, pichações e do altar, ou decorativo, como no caso dos azulejos. A **cultura visual** é construída através dos anúncios e cartazes, como os de Jogo do Bicho que estavam nas paredes de diversos estabelecimentos, no letreiro neon que está caindo aos pedaços e mostra uma certa decadência daquela estrutura.

Figura 5: Stacioname[o



Fonte: foto do autor, 2025.

As **manifestações culturais** aparecem nos estabelecimentos locais através de uma música tocada no rádio ou cantada por algum funcionário enquanto limpa o estabelecimento antes de abrí-lo de fato. Tudo isso constitui

uma cultura do território e que vai agir de maneira direta no cotidiano escolar.

Depois desse dia, decidi realizar mais dois mapeamentos após o período de férias, um ao final da tarde e começo da noite visando anotar o comportamento das pessoas da região e outro para registrar as texturas da calçada que eu pisei durante esse período, tentando pensar a maneira que isso afetava meu corpo realizando o mapeamento.

O resultado do penúltimo mapeamento foi curioso, decidi que de início iria me sentar na calçada e finalizar a leitura de um livro que eu lia para meu Trabalho de Conclusão de Curso. Esse momento foi uma maneira de relaxar e me deixar levar um pouco pelo contexto, nesse dia a rua estava bastante movimentada, as aulas já haviam voltado, havia muito mais barulho e pessoas circulando pelo final das aulas do período vespertino. Quando finalizei o livro, me senti mais confortável em fazer o trajeto que eu vinha fazendo, parando em alguns pontos, como em uma procissão para analisar os movimentos e realizando anotações a respeito.

Notei que 2 casais foram ao bar em que eu tomei café para ter um encontro ou parte de um encontro. 30 cachorros levaram seus donos para passear. No trajeto que realizei haviam aproximadamente 6 cafés. Um lugar chamado Carne que parecia quase deslocado da região em sua estética e depois descobri que é um estúdio de vídeos e fotos super modernos.

O bairro ganhou para mim uma dimensão social gigantesca, ao contrário das primeiras vezes em que parecia quase inabitado, a não ser pelos funcionários dos estabelecimentos locais. É como se o território tivesse ganhado vida finalmente. Além é claro, do barulho da escola que passou a preencher o ambiente, que antes era tomado pelas construções e, ocasionalmente, pelo barulho de carros.

Para realização do meu último mapeamento resolvi criar a estratégia de que sempre que o chão mudasse, eu me abaixasse e fizesse uma **frotagem** para registrar a textura do chão. Tive que superar a barreira da timidez para realizar essa tarefa, me senti quase performando e sentia muita vergonha de realizar a tarefa quando alguém cruzava comigo na calçada. Ninguém me perguntou nada, mas parecia sempre ficar minimamente curioso com o gesto.

Figura 6: Frotagem

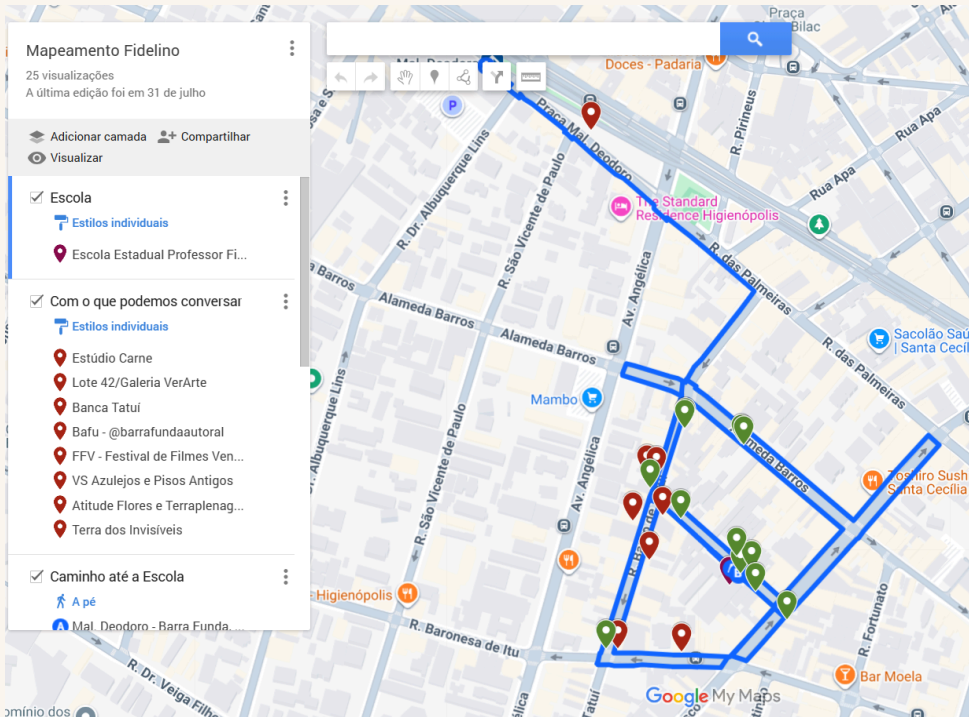


Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Toda essa caminhada me levou à construção de um mapa com o Google My Maps (**disponível em: https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1iedsM1zDCJ_bb6uGjhBcjD6m5nwZn-E&usp=sharing**), onde inseri as

fotos que eu tirei localizando os lugares com seus respectivos nomes.

Figura 7: Google My Maps



Fonte: Google Maps, print do autor, 2025.

Além disso, pude refletir um pouco da minha relação com o espaço e com a educação e como o espaço se relaciona com a formação aos quais discorro a seguir.

Do território, do corpo e da educação

Durante minha jornada acadêmica tenho percebido que o corpo é um dos meus maiores focos de interesse de pesquisa, tanto nos processos artístico visuais quanto educacionais. Então, conforme fui desenvolvendo as atividades do projeto, fui tentando relacionar com meu objeto de pesquisa.

Verônica Veloso e Paulina Maria Caon, em Cortar a cidade com os pés: sobre travessias em paisagens brasileiras, vão pensar, em seus relatos das práticas artísticas realizadas pelo Coletivo Dodecafônico, o caminhar como:

o princípio – um posicionamento diante do mundo e um ponto de partida para a instauração de uma ação que tem o efeito de um acontecimento –, o fim – a própria finalidade da ação – e o meio pelo qual se cria, inscreve-se na cidade e relaciona-se com o espaço e com as pessoas encontradas no caminho. (Veloso; Caon, 2018, p. 76, grifos das autoras)

Durante as duas últimas práticas de mapeamento, tentei pensar na caminhada dessa forma, principalmente como uma maneira de se inscrever na cidade. Essa noção me possibilitou refletir sobre essa prática de maneira direta. Encontrei pelo caminho diversas formas de se inscrever na cidade: pixos, lambes e graffiti. Mas **como a cidade se inscreve em mim?**

Em “A Imagem no Ensino da Arte”, Ana Mae Barbosa coloca que **“a iconografia é a bibliografia do olhar” (Barbosa, 2014, p. XXVI)**, ou seja, o que consumimos

visualmente e é guardado na memória, serve como uma maneira de analisarmos o que consumimos. A chave para responder minha questão colocada no parágrafo anterior estava aí. **A cidade se inscreve em mim a partir da memória.**

Tentei demonstrar isso através das minhas comparações com a minha cidade natal, realizadas durante o relato do mapeamento. Apesar de não morar lá e passar a maior parte dos meus dias em São Paulo, algumas coisas que vejo acontecerem aqui me lembram Rio Preto de maneira muito afetiva.

A **afetividade da memória** é essencial quando pensamos no ensino de artes visuais. Afinal, é aquilo que nos afeta que vem à memória primeiro. Eu não sou uma pessoa religiosa, mas ver aquele pequeno altar me lembrou da experiência de montar com a minha vó um pequeno altar em cima de um banco para que as pessoas realizando a procissão parassem na casa dela. E ter isso como repertório imagético e sensorial, me fez querer registrar essa intervenção assim que a percebi.

Ao viver na cidade somos afetados constantemente pela imagem. Como atestado por Jaume Marínez Bonafé em “A cidade no currículo e o currículo na cidade”:

O bombardeio incessante de imagens e objetos visuais relacionados com a publicidade e o consumo tem criado uma cultura visual fascinada pela imagem [...] (Bonafé, 2013, p. 453)

Portanto, faz-se necessário entender como esse bombardeio de imagens na cidade está se inscrevendo no

corpo das pessoas que frequentam a escola (sejam elas alunes, educadores e funcionários). E acredito que **levar essas pessoas ao território seja o estímulo necessário para suscitar esses afetos**. Prestar atenção ao entorno da escola me permitiu rememorar como um outro território me afetou, permitindo que eu me relacionasse de maneira outra com aquele lugar, ao qual eu tinha passado por sem nem perceber o que havia ao redor.

Além disso, entendo que o meu corpo foi afetado pelos territórios que frequentei de maneiras físicas também. Por exemplo, a minha fala é consequência da minha vivência no interior paulista, se quando eu falo porta o R tem uma entonação forte, é por conta do território que eu frequentei, com as pessoas com quem tive contato. Se eu caminho rápido é resultado também da minha vivência em São Paulo, muito afetada pelo medo.

Ao realizar a experiência de sentar e ler um livro na calçada, pude perceber como meu corpo foi afetado pelo contato com o concreto naquele período de tempo. Ou quando me apoiava em alguma parede. **Todas essas sensações afetaram o meu corpo e inscreveram parte desse território nele**. Essa percepção me levou a realizar o exercício de frotagem, tentando entender que texturas afetavam o meu caminhar e um desejo de registrá-las.

Finalizo o texto e a experiência com a reflexão de que **o território é então constituído não apenas de sua geografia e das interferências que esse local sofreu, mas também é feito de diversos outros territórios que as pessoas carregam inscritos em seus corpos e que vão**

afetar outros corpos. Esses afetos geram conflitos, criam resistências e inscrevem fisicamente os territórios iconograficamente, sendo responsáveis por outras maneiras de se relacionar com o espaço.

Trabalhar com o território na escola é uma ferramenta que vai além do entorno e de conhecer um espaço, nos permite conhecer o outro e os territórios presentes em seu corpo, proporcionando uma experiência educacional muito mais rica e aberta à vivência da cidade. Tal princípio vai ao encontro das noções freirianas de educação na cidade, como coloca Jaume Marínez Bonafé:

Freire nos diria que não se aprende com a cidade falando dela, mas vivenciando-a e experimentando-a, e isso relaciona, dentro da prática educacional, uma teoria diferente da cultura e do sujeito. (Bonafé, 2013, p. 456)

Inscriver a cidade no corpo é uma maneira de aprender com a cidade, se deixar afetar pela cultura, independente de sua origem e dar espaço para ser afetado pelo outro e suas vivências.

Referências:

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte.** 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BONAFÉ, Jaume Martínez. A cidade no currículo e o currículo na cidade. *In*: SACRISTAN, José Gimeno. (org).

Saberes e Incertezas sobre o Currículo. Porto Alegre: Pensa, 2013.

DEBORD, Guy. Da Deriva. In: SOUSA, Erahsto F. (org.). **Internacional Situacionista. Deriva,. Psicogeografia e Urbanismo Unitário**. Porto Alegre: Deriva, 2007

VELOSO, Verônica; CAON, Paulina Maria. Cortar a cidade com os pés: sobre travessias em paisagens brasileiras.

Boitató, Londrina, v. 13, n. 25, p. 75–90, 2018. DOI:

10.5433/boitata.2018v13.e35127. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/35127>. Acesso em: 30 jul. 2025.



E. E. ARMANDO DE ARRUDA



Entre texturas, socorros e ecos

Elber Aquino

A **EMEI Armando de Arruda Pereira** foi, entre as duas escolas que mapeei, a que eu tive mais contato, sendo três encontros com seu contexto, seu território e suas marcas. Três encontros em três dias diferentes de semanas diferentes, o resultado foi três materialidades diferentes de registro desse mapeamento: **argila, registro fotográfico e escrita livre**. Então, para este texto, acredito que seja justo contar um pouco sobre cada visita.

A primeira questão que resalto é que entrei no projeto **EPUT** através da disciplina de VAP (Vivência em Ateliê Permanente). E foi com os colegas dessa disciplina que formamos o grupo para a primeira visita - meus amigos **Beatriz Klann** e **Felipe Ortega**.

Além da EMEI Armando Arruda, também tínhamos interesse em uma **ocupação** na Praça da República, onde são realizadas oficinas através de outro projeto de extensão - também coordenado pelo professor Leandro de Oliva Costa Penha - **Onde o Sol Encosta**, que fica há poucos metros da escola. Assim como também nos interessava explorar os arredores da **Galeria Olido** - que também fica próxima da Praça da República - em que outros amigos nossos produzem dentro do Grão Ateliê.

visita, ainda fomos até a ocupação, conhecer a fachada, o entorno e sua entrada

No meio da caminhada, paramos para ver os professores e os alunos indo para um passeio provavelmente, já que os alunos, crianças, seguiam em fila para uma van, enquanto entoavam em coro: “Pipoca! Pipoca!”. Em meio a um sentimento nostálgico, voltamos para o Instituto de Artes, em que guardamos as argilas em nosso ateliê coletivo.

Uma semana após, exatamente no dia 30 de agosto, agora em um sábado, tive uma nova oportunidade de visitar a EMEI Armando de Arruda Pereira com um novo grupo: **Victória Rapace, Beatriz Petroni e Natallia Mazarim.**

Para essa nova vivência já estava com uma nova poética de registro definida: como só estava munido da câmera do celular no momento, decidi registrar, especialmente, o **lixo**. Uma reflexão que tenho há muito tempo é a de que podemos conhecer qualquer pessoa através do lixo que ela produz, e subsequentemente, podemos conhecer um grupo ou até uma comunidade de pessoas através do lixo que elas deixam.

Figura 2 — Fotos de lixo urbano na República



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Ao reparar no lixo, passei a dar conta da sua presença cada vez maior no espaço urbano. Na Praça da República, em especial, o lixo observado é principalmente das pessoas em trânsito, isto é, são os descartes daquelas que estão passando provisoriamente pela praça em meio aos seus trajetos. Inclusive, objetos descartáveis como copos plásticos, papéis e marmitas são os mais comuns de encontrar nos lixos dessa região.

De certa forma, o lixo é um **eco** da nossa sociedade, uma herança ou um álibi. O lixo pode ser visto como a comprovação do consumo de alguém, a partir disso, observá-lo é quase como estudar quem passou ou passa

pela região. Assim, é também possível estudar o contexto e o conteúdo desse território.

A minha última visita foi no dia 13 de setembro, também em um sábado. Novamente estava com **Felipe Ortega** e **Beatriz Klann**, mas agora estávamos acompanhados de mais gente: **Rebeca Melo**, **Yasmin Molnar** e **Vi Okamura** (que faz parte do projeto Onde o Sol Encosta).

Como já era minha terceira visita, decidi que iria registrar um pouco menos. Assim, peguei meu caderno de bolso e anotei o que viesse na cabeça em relação ao que surgisse da dinâmica do grupo.

Figura 3 — Foto de uma lixeira urbana na República



Fonte: Elaborado pelo autor, 2025.

Todavia, desta vez, o plano se configurou de outro modo: fomos acompanhar a oficina dada pelo projeto Onde o Sol Encosta, e após fomos para a Galeria Olido,

acompanhar o último dia de ateliê aberto do Grão Ateliê. Dessa forma, não ficamos tanto nos arredores da EMEI Armando de Arruda.

Em conclusão, o mapeamento ao redor da **EMEI Armando de Arruda Pereira** não foi apenas uma experiência nova, mas sim uma **imersão** dentro de seu contexto. Em especial, a **Praça de República** não se dá apenas como um plano de fundo para esse contexto, ela se dá como uma figura central nesses arredores.

É curioso pensar como um espaço projetado para o lazer e o descanso das pessoas em meio a diversos prédios que tomam conta do horizonte se ressignificou, se reconfigurou, e atualmente, quem vemos lá, encara esse espaço como parte do trajeto cotidiano que fazem.

Ao mesmo tempo, há uma grande parte de pessoas que ganham suas vidas pela Praça da República, seja pelos comércios locais, os feirantes de sábado, os funcionários dos prédios vizinhos, os motoentregadores que deixam suas motos na praça, e até a própria comunidade de trabalhadores da EMEI Armando de Arruda. A Praça da República é sem dúvidas um dos pontos de São Paulo com maior capacidade de interferir na vida das pessoas que eu conheço.

No fim, imagino como se dá o cotidiano dentro da EMEI Armando de Arruda, essa curiosidade se dá pela escola estar inserida em um lugar composto de atravessamentos. Observar o lixo não me permite saber quem passou por lá, de que forma passou ou porque passou. As texturas das superfícies não nos dão as marcas

afetivas e emocionais que o local reside e divide com as pessoas que habitam seu entorno. No fundo, mesmo aprendendo tanto, eu sei muito pouco.

-Ao entrar no contexto, queremos sempre mergulhar no conteúdo - Acredito que seja isso o que mais trago para mim após as atividades de mapeamento ao redor da EMEI Armando de Arruda.

Ficha Técnica

Este material foi desenvolvido coletivamente da sua cabeça aos seus pés, do começo, meio e começo (como diz Nêgo Bispo). Mapeamentos realizados em grupo, imagens e impressões compartilhadas, cores e formas elaboradas em reuniões construíram esse texto-colagem que relata o mergulho investigativo no entorno destas cinco escolas.

Coordenação: Prof. Dr. Leandro de Oliva Costa Penha

Assistência de coordenação e produção: Victoria Rapace Elme

Pesquisa e conteúdo: Arthur Coutinho Romero, Beatriz Petroni Frigério Ribeiro, Elber Araújo de Aquino, Léo Laura Carvalho, Lucas Abrão da Silva, Paulo Cesar Ribeiro Souza Borges, Tasso Micchetti André, Thayna Teixeira Mendes, Victoria Rapace Elme e Yago Teruo Aureliano Bezerra.

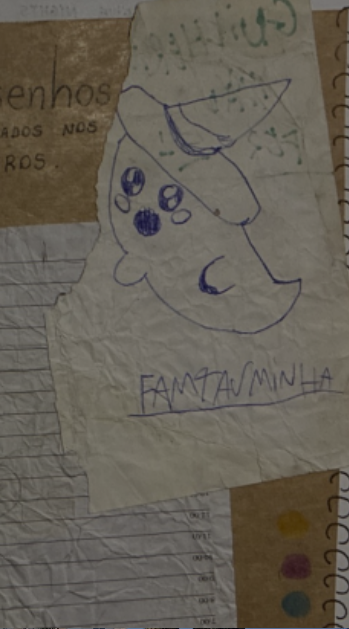
Comissão de Projeto Gráfico e Capistas: Victoria Rapace Elme e Yago Teruo Aureliano Bezerra

Comissão de Publicação: Arthur Coutinho Romero, Beatriz Petroni Frigério Ribeiro, Elber Araújo de Aquino, Léo Laura Carvalho, Lucas Abrão da Silva, Paulo Cesar Ribeiro Souza Borges, Tasso Micchetti André, Victoria Rapace Elme, William Galvão Priante e Yago Teruo Aureliano Bezerra.

Revisão: Leandro de Oliva Costa Penha, Lucas Abrão da Silva e Yago Teruo Aureliano Bezerra.

Nossos agradecimentos a todos que colaboraram ao longo da jornada de formação, de realização dos mapeamentos poéticos e de produção desta obra:

Angela Antunes (Instituto Paulo Freire), Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov (IA/UNESP), Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli (IA/UNESP), Profa. Dra. Denise Pereira Rachel (IA/UNESP), Profa. Dra. Andréia Miranda de Moraes Nascimento (IA/UNESP), Grupo de Pesquisa Arte e Formação de Educadores, Laboratório das relações entre Imagens, Memórias, Histórias e Arquivos (LIMHIAR), João Bruno, Dalcio Marinho, Coletivo Teatro Dodecafônico, Marisa Isabel Alves (Escritório de Extensão/IA/UNESP), Fabiana Colares Ferraro (Biblioteca IA/UNESP), Escolas Estaduais Pedro II, Prof. Fidelino de Figueiredo, Dr. Alarico Silveira, Raul Cortez, EMEI Armando de Arruda Pereira, Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEC), Departamento de Artes Plásticas (DAP/IA/UNESP) e Instituto de Artes da UNESP.



PPG
artes

PROGRAMA DE
POS-GRADUAÇÃO
EM ARTES DA UNESP

ert

escola pública,
universidade
e território

Arted